

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Ricardo Cortez Lopes

**Reprodução sob condições controladas:
o ateísmo como movimento social nas Representações Sociais
dos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre**

Porto Alegre, dezembro de 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Ricardo Cortez Lopes

**Reprodução sob condições controladas: o ateísmo como movimento social
nos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre**

Trabalho de conclusão do curso de
Bacharelado em História da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, para a obtenção do título de
Bacharel em História

Orientador: Prof. Dr. Francisco
Marshall

Porto Alegre, 2010

Dedico esse trabalho à Afrânio Capelli, guardião do Templo Positivista de Porto Alegre (in memorian), a quem, infelizmente, nunca conheci; Agradeço pelos documentos doados e espero que esse trabalho possa ajudar a mostrar a complexidade das ideias que defendias contra pessoas algumas vezes despreparadas e intolerantes; ideias pelas quais dedicastes a vida de maneira compromissada e racional. Também o dedico à Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos pelo seu esforço a uma justa causa; Por fim, também dedico esse trabalho para a professora Lorena Holzman.

Agradecimentos

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa Histórico da UFRGS por ter me permitido realizar a pesquisa, em especial à bolsista Simone Nunes (a essa altura do campeonato já formada) por ter organizado o acervo em seu estágio obrigatório. Esse TCC foi um trabalho em equipe! Agradeço ao Professor Francisco Marshall, que me orientou de tão bom grado e me ajudou mais ainda com a sua vivência de meu objeto de estudo! Agradeço à professora Clary Milnitsky-Sapiro, minha orientadora na Psicologia Social!

Agradeço ao Núcleo de Estudos da Religião (NER) aqui da UFRGS, que me acolheu e que me faz sentir muito bem entre seus integrantes!

Ao professor Daniel Gustavo Mocelin, por ter me apresentado Durkheim por um ângulo que eu ainda não conhecia!

Ao professor Guto Leite, pela dica sobre o Auerbach.

Aos alunos e professores do Curso Pré-Vestibular Auto-Gestionário, local onde eu aprendi muito e convivo com algumas das melhores pessoas que já conheci!

Agradeço aos pretensos bullies acadêmicos por duvidarem das minhas capacidades. Saber que os assusto é o meu combustível para tentar mudar algo no mundo. Ainda torço para que o Facebook possa contar como atividade para se colocar no Currículo Lattes, e que valha mais do que atividades acadêmicas sérias, pois assim vocês terão vantagem em qualquer concurso futuro em que por ventura participarem.

Agradeço aos amigos que fiz nesses últimos anos: Alana Schneider, Pedro Mello, Junior Abalos, Tiago Alves, Fernanda Alves, Maria Schwetner, Bia Cruz, Adriana Soares, Rita Gaspary, Cibele Endres, Jean Scherf, Tami Viegas, Thiago Cruz, Franciele Martins, Lucas Silveira, Camila Bittencourt, Cristiane Giaretta, Júlia Barros, Gislaine Borba, Everton Mello, Cristiano Tavares, Clara Murakami, Elias Neves,

Aos meus pais e minha irmã. Minha mãe, batalhadora que nunca reclama, injustiçada que nunca desiste da humanidade, amorosa sem ter sido retribuída na infância, amor infinito pelos filhos; meu pai, sempre disposto a fazer tudo pelos filhos, incansável para suas obrigações, carinhoso em qualquer situação, generoso e desprendido. Minha irmã, sempre disposta (mesmo que cansada), sempre buscando me proteger (sou caçula), sempre buscando ajudar as pessoas que precisam (mesmo que isso deixe ela mais atarefada e mais cansada). Ao Douglas, irmão mais velho emprestado, sempre muito divertido assistir com ele séries, filmes e ver ele jogando video-game (porque não sou coordenado para jogar eu mesmo). À minha noiva, a Lilian. Estava escrito.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se, Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando. (“A Cartomante”, Machado de Assis)

“Por infelicidade a vizinha do compadre, a quem o menino prometera curar, sem pensar no que fazia colocou-se perto do altar junto aos dois. Assim que a avistou, o novo sacristão disse algumas palavras a seu companheiro, dando-lhe de olho para a mulher. Daí a pouco se colocaram os dois disfarçadamente em distância conveniente, e de maneira tal, que ela ficasse pouco mais ou menos com um deles atrás e outro adiante. Começaram então os dois uma obra meritória: enquanto um, tendo enchido o turbulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendiam fossem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, olhando disfarçado para o altar. A pobre mulher exasperou-se, e disse-lhes não sabemos o quê.” (Memórias de um Sargento de Milícia, Manuel de Almeida)

“[...]é muito comum no nosso meio que algumas coisas sejam simplificadas e repetidas sem que se pergunte por seus fundamentos e que de tanto se repetir, passem a ser verdades[...].” (Silvia Petersen)

“Mas o positivismo tem contra si os interessados na persistência da desorganização atual, a testa dos quais está o jornalismo. Sem aceitar deveres de espécie alguma: sem fornecer provas morais nem mentais de capacidade; explorando a curiosidade e a credulidade muitas vezes pueril de um público que se consome em desejos não satisfeitos, instituirão-se os jornalistas em mentores da sociedade e juizes de governados e governos. Levantarão entre a vida privada e a vida pública uma muralha que são os primeiros a violar quando a mão dos potentados os não impede de farejar escandalos. Suprimirão a responsabilidade com anonimato: e, pelas colunas assalariadas, tornarão a liberdade um bandidismo e a tolerância uma hipocrisia, para ressaltar os ganhos em escrúpulos” (A Harmonia mental, pg. 49)

Aprovado em:10/12/2013

Prof. Dr. Francisco Marshall(orientador)

Prof. Dr. Adolar Koch

Prof. Dra. Raquel Andrade Weiss

Resumo

Esse trabalho busca apreciar os primórdios de um movimento social ateu no Rio Grande do Sul através do estudo das Representações Sociais que as publicações do Templo Positivista de Porto Alegre formularam sobre as categorias “Humanidade”, “Religião” e “Deus/Deusa” com fins a compreender as estratégias semânticas que esse movimento buscava utilizar para difundir o ateísmo em um país tradicionalmente religioso.

Palavras-Chave: Movimento Social Ateísta – Positivismo – Representações Sociais - Secularização

Abstract

This work search for the principles of an atheist social movement in Rio Grande do Sul through the study of the Social Representations from the publications of Porto Alegre's Positivist Church about the categories of “Humanity”, Religion”, “God/Goddess” to understand the semantic strategies that the movement uses to diffuse the atheism inside a country traditionally religious.

Key-Words: Atheist Social Movement – Positivism – Social Representations - Secularization

SUMÁRIO

1 – Introdução.....	9
2 - Os pioneiros do pensamento ateísta no Brasil Católico.....	13
3 - A Religião da Humanidade como ateísmo.....	14
4 - O Positivismo comteano, o Templo Positivista e a lógica da produção das evidências.....	20
5 - A compreensão por dentro do grupo positivista.....	23
6 - Metodologia de Coleta e Análise de Dados.....	24
7 - Representações Sociais Positivistas: a atuação ideológica de um movimento	28
7.1 – Religião.....	32
7.2 – Deus/ Deusa.....	42
7.3 –Humanidade.....	45
8 – Categorização e análise dos resultados.....	51
9-Considerações Finais.....	55
10 – Bibliografia.....	58

1 - Introdução

O positivismo deixou profundas marcas na história social desde o princípio do século XIX, no Brasil e especialmente no Rio Grande do Sul. Foi o positivismo que inaugurou a História como ciência, como a memória de um povo, retratadora dos grandes homens e dos grandes feitos (e que até os dias atuais é confundida com História de fato pelo senso comum). E também foi a ela que a Escola dos Anais atacou frontalmente para formar um dos pensamentos mais definidores da ciência histórica da atualidade, não tão centrada no uso estrito dos arquivos na pesquisa. Todavia, o positivismo, mais do que uma corrente historiográfica, foi também um movimento epistemológico e político proposto por Auguste Comte (1798-1857), que se apropriou de um saber específico para montar um sistema de representações¹ (JOVCHELOVITCH, 2008: 14) éticas, que buscou compartilhar com o resto da humanidade, pois se sentia unido a ela por um sentimento fraternal. Não é sem motivo que, além de se constituir em um ceticismo metafísico (HESSEN, 2003:) e em uma filosofia da história (PETIT, 2007: 15) (uma meta-narrativa), o positivismo era também encarado por seus seguidores como a "Religião da Humanidade", clara alusão ao humanismo como referência para o pertencer e entender do mundo, que é um dos traços marcantes do Renascimento. Assim, não é muito absurdo afirmar-se que, no Brasil - país que possuiu, desde a constituição de D. Pedro I (outorgada em 1823) até a Constituição Federal de 1891, uma religião oficial, a católica - o Positivismo Comteano foi a primeira força de expressão coletiva e pública do ateísmo em território nacional. Partindo desse pressuposto, o objeto dessa pesquisa será justamente o modo como esse Movimento Social Ateu² articulava suas ações através do Templo

¹ Consideramos aqui o conceito de Representação pelo ângulo fornecido por Sandra Jovchelovitch: representações como a base dos diferentes tipos de conhecimento que existem no mundo, não havendo nenhum conhecimento epistemicamente superior a outro (JOVCHELOVITCH, 2008: 16). É algo que os positivistas, evidentemente, não concordavam, ao postular que o pensamento positivo seria superior ao teológico e ao metafísico. Mas considerava, no entanto, os dois últimos como necessários para a existência posterior do primeiro.

² O conceito "Movimento Social" não parece ser difícil de ser aplicado às organizações ateias atuais. Todavia, para poder conceber o positivismo como antecedente destas associações, é essencial que se determine que ele é, na mesma medida, um movimento social, mesmo que a época da formulação do conceito (o de Movimento Social) e de sua pretensa aplicação (a época que abordamos) não seja a mesma. Compreendemos que é possível fazer-se essa associação, mesmo que as épocas difiram, pois os objetivos e intencionalidades seriam as mesmas nos dois casos. Rudolf Heberle afirma que movimentos sociais são coletivos sociais organizados que realizam ações sociais concentradas para buscar mudanças

Positivista de Porto Alegre, fundado em 1912, divulgando o ateísmo através de suas publicações voltadas para o grande público, buscando novos adeptos para o positivismo e, por extensão, ao ateísmo. Essa pesquisa assume que os fins dessa propaganda não seriam o de dominação político-econômico de uma elite sobre um proletariado, mas sim se encerraria a intencionalidade dessas produções dentro da própria doutrina positivista, a de propagar os escritos de Auguste Comte para a pronta adesão do leitor. O método utilizado para coleta inicial de dados foi a leitura flutuante da Análise de Conteúdo. Após a coleta de dados, buscou-se as Representações Sociais através da Técnica de Categorização (uma das técnicas da análise de conteúdo), resultado em uma análise temática (que é uma possibilidade de Categorização). A opção por este método, oriundo da Psicologia Social, se deu por conta de que ele permite que se capte uma parte da estrutura funcional da doutrina moral (ou ética)³ que os positivistas adotavam como subsídio de suas condutas, pois, no fundo, essa pesquisa é uma investigação sobre uma “ética vivida” - que é o conjunto de normas de diferentes sociedades humanas no tempo e no espaço, objeto das ciências humanas (como a História, a Economia, a Sociologia), e não a “ética pensada”, que é puramente conceitual, o que a torna objeto da filosofia (CORTINA, 2005: 14) - pregada em uma época passada, que subsidiou uma ação

fundamentais em instituições e relações humanas para enfrentar alguma tendência (HEBERLE, 1951: 6). É certo que o conceito de Movimento Social atual dá conta de um ambiente multicultural, onde esses movimentos ajudam a estimular as trocas culturais (IOKOI, 2007: 10), e nesse sentido as organizações atérias se encaixam muito bem. Mas o positivismo também operaria através dessa noção. Apesar de não estar inserido em um ambiente que aceitasse o multiculturalismo, efetivamente a ação positivista ocorreria da mesma maneira que a dos movimentos sociais: promover pacificamente a mudança social das instituições (modernizando-as positivamente) e das relações humanas (igualitarismo) para enfrentar a tendência de o Brasil demorar muito para se integrar à Humanidade ao adotar o estado positivo através da esfera pública (os espaços de discussão pública), que contaminaria o restante do país progressivamente. Mary Pickering afirma que “a liberdade para pensar e discutir era importante para Comte porque ele julgava poder conquistar o apoio dos indivíduos depois que estes se dessem conta, graças ao debate público, de que as doutrinas positivistas eram irrefutáveis [...] manipulando os espaços públicos [de debate] e criando culturas secundárias específicas para encorajar a troca de idéias e o desenvolvimento de relações interpessoais, Comte acreditava que poderia difundir crenças gerais e sentimentos generosos por toda a sociedade” (PICKERING, 1999: 61). Ou seja: não havia ímpetos golpistas por parte dos positivistas, mas sim, na expressão de Almond e Verba, a ação de quem se considera excluído (ALMOND, VERBA, 1963: 172) por conta de seus traços culturais pertencentes à sua própria Comunidade Étnica (CARNEIRO DA CUNHA, 1986: 10). Estabelecemos que o positivismo, quanto à questão atéia, foi um movimento social que agiu em uma pressuposta Esfera Pública.

³É possível fazer uma distinção entre moral e ética: “[...] doutrinas morais são sistematizações de algum conjunto de valores, princípios e normas concretos [...] As teorias éticas, diferentemente das morais concretas, não buscam de modo imediato responder a perguntas como “o que devemos fazer?” ou “de que modo deveria organizar-se uma boa sociedade?” e sim a estas outras: “por que existe moral?” [...] As doutrinas morais se oferecem como orientação imediata para a vida moral das pessoas, ao passo que as teorias éticas pretendem antes dar conta do fenômeno da moralidade em geral” (CORTINA, 2005: 51). Como veremos mais adiante, no tocante à ética vivida e à ética pensada, nos alinharemos ao estudo de uma doutrina ética.

determinada no tempo histórico. Portanto, essa pesquisa é uma reconstituição histórica de uma ética do passado a partir do recurso às Representações Sociais⁴, que serão obtidas através da Análise de Conteúdo. Subjetividade esta que estaria na busca de tornar esse discurso dominante dentro de uma sociedade que era encarada por estes agentes como presa dos estados metafísico e teológico da evolução humana. E o mecanismo deste processo estaria intrínseco a inserção de uma série de elementos exógenos ao *milieu* atualizado dessa sociedade a ser “salva”. Assim, imbuídos desta "missão", os positivistas honraram a posição intelectualista – e positiva - de seu movimento social ao produzir material escrito em abundância, o qual será analisado em parte por esta pesquisa.

A história do movimento social ateu ainda não foi escrita, de modo que a bibliografia deste trabalho não conseguiu contar com muitas obras escritas por historiadores. Traçar uma história intelectual ou filosófica ateu é uma tarefa de mais simples execução, pois os autores abundam nesta área, porém a extensão de material sobre esse assunto também mostra a dificuldade de concluir a tarefa. Não nos focaremos nesta história intelectual ou filosófica, e para esse fim buscamos, em um primeiro momento, fixar uma cronologia desse movimento em etapas, através do recurso à Genealogia⁵ pensada por Michel Foucault (1926-1984) e aplicada a tantas de suas obras. Cumpre notar que essa classificação não é definitiva, e sim uma primeira tentativa de delineamento, que, esperamos, será redefinido por outros pesquisadores.

- 1) **Etapa Incipiente** (1497 – 1844⁶): nesta etapa⁷, os ateus manifestavam-se esparsamente, individualmente e sem um fim maior definido, não deixando

⁴ Concebemos que as Representações Sociais não se reduzem à ética, mas pegaremos a intersecção desses dois conceitos.

⁵ A Genealogia é um recurso metodológico pensado por Foucault que pretende analisar um problema, procurar por indícios, por discontinuidades, e não por causas que estabeleçam uma continuidade temporal (FONSECA, 2012: 13), papel reservado à investigação histórica (que estuda os períodos e se caracteriza por um tratamento exaustivo do material). A Genealogia, a rigor, seguiria quatro regras: 1) escolha do material em função dos dados do problema, 2) focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolver esse problema, 3) estabelecimento das relações que permitem essa solução e 4) indiferença com a obrigação da exaustão do material (adaptado de NETO, 2008: 537). É de se notar que, devido a essa diferença metodológica, há confrontos entre essas duas perspectivas, como a crítica por Jacques Leonard rendida à “Vigiar e Punir” (NETO, 2008: 537).

⁶ Ano da defesa da primeira tese científica de um positivista: “Plano e Método de um Curso de Fisiologia”, de Justiniano da Silva Gomes (SOARES, 1998 : 87).

⁷ O texto aqui escrito é suposição, pois não há evidências que sustentem o que se diz sobre essa etapa em questão(nem poderia haver) . Mas nos parece razoável supor que assim se transcorreram essas manifestações, pois a cultura não apaga totalmente a individualidade das pessoas que nela estão inseridas, de modo que uma pessoa do passado poderia, sim, ser ateu, mesmo em um ambiente amplamente dominado por ideias religiosas.

tantos vestígios materiais de associações. Também o faziam de maneira não explícita, através de personagens de romances literários (usando figuras de linguagem para se comunicar com pessoas com o mesmo capital simbólico) ou sociedades secretas. É possível afirmarmos que aqui estamos lidando com o self poroso⁸, do qual nos adverte Charles Taylor (TAYLOR, 2011: 58), como o portado pela maioria da população.

- 2) **Etapa Revolucionária** (1844 – 1930⁹): nesta etapa os positivistas propõem-se a substituir a religião católica por uma religião da humanidade, focada no homem, e não em uma entidade abstrata como Deus. O ateísmo em si ainda não é o centro exclusivo das preocupações, mas vem a reboque no carro da república ditatorial, da qual teceremos mais detalhes adiante. Nesta etapa, o objetivo é homogeneizante (tornar a todos iguais), mas sem o recurso à violência. Aqui seria a introdução do Humanismo Exclusivo no Brasil, outra expressão de Charles Taylor.
- 3) **Etapa Reivindicatória** (1930 – dias atuais): começou quando da penetração da modernidade nas elites brasileiras, quando certa e específica diversidade cultural passou a ser incentivada, dada a própria cultura brasileira estar sendo reconhecida como plural, surgindo algum espaço para certas práticas que puderam ser levadas a cabo sem a enérgica punição normativa estatal. Assim, após a consolidação do estado laico (apesar de este ainda ser denunciado como endêmicamente teísta pelos ateístas até os dias de hoje), o ateísmo se reivindica como variedade cultural que merece ser respeitada dentro de um contexto de estado de direito, buscando atuar dentro do legalismo. Assim, surge uma série de organizações que buscam reivindicar o fim do preconceito contra pessoas atéias. A esse contexto pertencem a ATEA, a Sociedade

⁸ Charles Taylor, em “Uma era Secular”, pensa que há uma diferença básica entre crer em Deus nos dias atuais e crer em Deus nos anos 1500. Seria a questão do “nível” (expressão nossa) de encantamento do mundo: o pré-moderno pensa que a realidade é resultado de um conjunto de forças intencionais sobrenaturais que afetam a sua existência. O seu self é aberto ao ambiente, seria poroso a ele, afetável, e que por isso precisaria se engaijar no mundo. Já o moderno conceberia que o mundo já não seria mais encantado, e que a sua individualidade estaria totalmente separada do resto do mundo, muito embora possa aprender esse mundo pela via do conhecimento. Ou seja, seria um self protegido, que não precisa “agradar” esses agentes sobrenaturais, o que não o obrigaria a um engajamento social. (conf. TAYLOR, 2011)

⁹ Começo do governo Getúlio Vargas, que incentivou um forte nacionalismo centralizador, acabando com o projeto federalista a que os positivistas ainda se apegavam (SOARES, 1998: 117), e que buscou modernizar ao Brasil, dando início a uma maior industrialização e maior concentração de população nas cidades, e não no campo (KONRAD, 2007: 97).

Brasileira de Céticos e Racionalistas, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, entre outros. Nesta etapa, o objetivo é pluralizante, igualmente sem utilizar o recurso à violência.

Este trabalho foca-se mais na segunda etapa. Postulamos que é o Positivismo o antecedente dos movimentos ateus atuais, e não os anarquistas, que também pregavam o ateísmo, mas sem ser este a pedra de torque de seu sistema político. Pois o positivismo possui uma ideia de sistema de ideias que colocaria o ateísmo como parte desse sistema, de modo a ser tão importante como os demais constituintes, o que o tornaria também uma prioridade, o que já não ocorreria com o anarquismo endemicamente.

2 - Os pioneiros do pensamento ateísta no Brasil Católico

O antropólogo Roberto Da Matta foi um dos primeiros pensadores a tentar conceber a identidade nacional brasileira como um todo. O mote utilizado pelo autor foi o estudo dos rituais (de reforço ou de inversão da estrutura), através do que foi por ele denominado de um “triângulo brasileiro” (DAMATTA, 1997: 23), formado em suas arestas pelo Povo Brasileiro, Estado e a Igreja Católica. Apesar de Da Matta buscar traçar uma obra a-histórica sobre a identidade nacional (DAMATTA, 2000: 44) e por isso realizar algumas generalizações por certo exageradas, acreditamos ser possível se verificar que a Igreja Católica sempre foi muito influente no plano político-econômico brasileiro através de uma indução. Dentre outros fatos¹⁰, o fato de o Brasil tornar-se, constitucionalmente, um estado Laico apenas no ano da Constituição Federal de 1891 - muito embora as constituições posteriores utilizem dispositivos para reforçar a colaboração entre Igreja e Estado, (ORO, 2008: 210), algo que curiosamente após a perda de influência do positivismo na política (SOARES, 1998: 58) - pode ajudar a demonstrar um pouco dessa ligação do brasileiro com o sentimento de religiosidade (que foi incorporado através de uma vivência intensa do catolicismo, ao nosso ver). Mas a pretexto de quê se daria tal associação tão forte entre uma nação e a religiosidade?

¹⁰ A título de curiosidade, alguns outros costumes podem vir a corroborar essa afirmativa. Podem ser exemplos as visitas do Papa ao Brasil (que geram mobilização popular, como demonstra o filme “Tropa de Elite”), as altas vendas de produtos gerados pela renovação carismática, a massiva participação de instituições confessionais em instituições da saúde e da educação.

Em termos históricos, não é muito difícil de entender o porquê dessa identificação da cultura brasileira à religião católica: Portugal, Metrópole do Brasil na época colonial, estado nacional constituído por um *establishment* social altamente hierarquizado, apoiou na religião católica boa parte de sua legitimidade para que o rei encabeçasse uma estrutura altamente burocratizada e pessoalizada (DAMATTA, 2000: 28), composta de uma série de nobres que possuíam pronomes de tratamento e regimes penais próprios de acordo com o lugar ocupado na hierarquia¹¹. Essa forte e onipotente estrutura social teria sido herdada pelo Brasil, e a religião católica, muito embora não possua a função de legitimar um rei quando do advento da república, ainda se mostra muito importante na realidade social e histórica brasileira, pois caracterizou-se ao mesmo tempo como uma instituição presente e muito maleável às práticas da cultura brasileira, adaptando-se a possíveis desleixos de alguns fiéis do país para com os seus ensinamentos, sem, no entanto, deixar de considerá-los católicos, pois estes ainda possuíam ritos de passagem baseados nos sacramentos católicos (batismo, comunhão, casamento), embora não se mostrassem tão assíduos nos templos (PIERUCCI, 2009: 15). Ou seja: a Igreja Católica faz parte da cultura brasileira e introjetou nela alguns valores seus mesmo inconscientemente, ao mesmo tempo em que também foi influenciada pela própria cultura brasileira, num movimento que arriscaríamos chamar de dialético.

Juntamente com o próprio catolicismo dos portugueses e herdeiros destes que “transplantaram” a estrutura social portuguesa para a colônia de maneira consciente (DAMATTA, 1997: 17), essa capacidade de adaptação à cultura brasileira por parte da Igreja Católica mostra-se crucial para compreender-se o Brasil enquanto Brasil, e acaba por se refletir na própria história do país. Não é sem motivo que havia, até antes da CF de 1891, o regime do padroado, o monopólio católico e a catolicização do casamento e dos cemitérios (ORO, 2008: 217).

3 - A Religião da Humanidade como ateísmo

¹¹ É relevante que se recupere um pouco da oposição que Louis Dumont (autor muito caro à Damatta) estabelece entre Holismo Hierárquico e Individualismo Igualitário para se compreender a noção de estruturação do estado português, que se reflete de certa forma para a organização do Brasil. O primeiro item se refere a sociedades onde há uma forte noção de estrutura social, onde o sujeito tem importância por ser pessoa (que é a função que ele cumpre nessa estrutura social holista). O segundo item é a valoração do sujeito como indivíduo, pela sua especificidade. Damatta considera a sociedade brasileira como bicéfala, já que conjugaria tanto o individualismo igualitário (na constituição) quanto o holismo hierárquico (em rituais como o “você sabe com quem está falando?”). conf. DUMONT, Louis. Homo hierarchicus : ensayo sobre el sistema de castas. Madrid : Aguilar, 1970.

O ateísmo é uma atitude específica diante do sagrado, que nega a crença em um (ou mais) “ser não tangível todo-poderoso” e em ritos de fé (e não suspende o seu juízo quanto a isso, como faria uma atitude agnóstica), pois, segundo os ateus, as posições que não negam estes aspectos não tomariam como base de julgamento os mecanismos de comprovação científica ou mesmo empírica, o que justificaria sua refutação imediata e óbvia (CONESA, 2011: 582). Nicola Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, afirma que o pensamento ateísta “É, em geral, a negação da causalidade de Deus” (ABBAGNANO, 1998: 87). O ateísmo pode ser compreendido em diferentes contextos históricos (ABBAGNANO, 1998: 13, CONESA, 2011: 580), pois cada período histórico possuiu ideias que vigoraram em determinada conjuntura com mais forças do que outras. Mas é somente no século XIX que o pensamento do ateísmo moderno é sistematizado, de modo que é possível distinguir-se muitos tipos de ateísmo, entre eles o especulativo, o prático e o militante (SIEGMUND APUD CRUZ, 2010: 145), e também a variação entre ateísmo forte – aquele que busca uma fundamentação metafísica não-deísta - e ateísmo fraco – aquele que busca apenas erradicar Deus sem “colocar” nada em seu lugar (HAUGHT apud CONESA, 2011: 549).

Tudo isso exposto, coloca-se o problema de como possíveis ateus poderiam manifestar sua posição descrente em meio a essa hierarquia tão devedora aos valores religiosos, que integra à identidade nacional de maneira tão aderente. Dado que a religiosidade – vivenciada através da Igreja Católica - pode ser considerada como um fato social (DURKHEIM, 2007: 41) brasileiro - uma vez que é externa ao sujeito, independente dele e o coaje - que refletiria algumas representações coletivas da sociedade brasileira, não é absurdo supor que, aquele ator (para usar uma linguagem durkheimiana) que infringisse abertamente este fato social poderia estar sujeito às sanções morais por parte dos seus iguais, com o fim de lhe tirar os benefícios angariados durante o tempo de convivência com essa sociedade (DURKHEIM, 2007: 21), voltando-se contra este. É certo que não podemos descartar as manifestações individuais de ateísmo, que provavelmente existiram, dado que a cultura é uma parte do indivíduo, e não o seu todo (BAPTISTA, s/d: 12). Também podemos lembrar as palavras de Charles Taylor quando pensa no self poroso: a descrença em Deus até poderia existir antes do humanismo exclusivo, mas não se trataria de “uma alternativa passível de atrair multidões de pessoas” (TAYLOR, 2011: 59). Todavia, o escopo deste trabalho é o movimento social ateu sistematizado, e não manifestações individuais.

Este trabalho leva tal pressuposto em consideração para lidar com manifestações ateias no Brasil, considerando-as como improvavelmente divulgáveis ao grande público antes do advento dos positivistas, sob o risco destas sanções ataquem aos agentes que as perpetrasse. A ideia é de que o Templo Positivista, de certa maneira, mostrou-se como gerador de uma sociabilidade que se pretendeu apartada da sociabilidade brasileira em geral em um primeiro momento, mas que, devido à seu caráter expansionista próprio (tal como veremos mais adiante), precisou buscar estratégias de arrebatamento de almas, para que pudesse gerar a sociedade positiva como total.

Assim será considerado que o Templo Positivista foi o primeiro local no Rio Grande do Sul a tentar, sistematicamente, espalhar esse ideal ateísta, através da Ciência Positiva, publicando essa ideias através de materiais de divulgação, que estaria “a cargo do pequeno grupo reunido em torno de Faria Santos, [...] [responsáveis pela] distribuição de literatura do Apostolado Positivista e do núcleo de Porto Alegre” (SOARES, 1998: 178). O objetivo é tentar reconstituir um pouco da história do movimento social ateu no Rio Grande do Sul a partir justamente desta instituição, mostrando suas estratégias de divulgação e suas maneiras de pertencer.

Para cumprir com tal objetivo, no entanto, é necessário estabelecer-se que os positivistas eram, no fim das contas, ateístas. Segundo o próprio Auguste Comte (apud Petit):

A grande concepção de Humanidade, que elimina irrevogavelmente a de Deus [...] [fornece a noção de um] único e verdadeiro Ser Supremo [...] Assim é que o positivismo torna-se, afinal, uma verdadeira religião, a única completa e real, destinada a prevalecer sobre todas as sistematizações imperfeitas e provisórias emanadas do teologismo inicial (PETIT, 2007: 40)

Seria possível argumentar-se que houve, ao fim e ao cabo, a mera substituição do vocábulo “deus” pelo vocabulário “humanidade”, e que isso não acarretaria numa mudança de significado profunda nos enunciados. É preciso, para tornar nossa argumentação válida, ir-se mais à fundo na noção de causalidade¹² que Comte está propondo, que não remete a uma origem divina como a causa primeira das coisas.

¹² Em termos gerais, o princípio de causalidade dá conta de uma regra imposta pela nossa própria mente para organizar o caos da realidade empírica através de um processo onde uma causa gera uma consequência. Assim, todo e qualquer tipo de mudança decorreria deste princípio (HESSEN, :)

A nossa primeira pista para tentar compreender mais profundamente essa noção de causalidade será o próprio Humanismo, que é ligado fortemente ao Renascimento. Erich Auerbach afirma, em seu estudo filológico, que o Humanismo não é a simples reprodução de ideais filosóficos, literários ou estéticos da Antiguidade Clássica. Todavia, é inegável que a recuperação dessa herança, ressignificada pelos humanistas foi essencial para que se postulasse um dispositivo de confronto com a ontologia Medieval, que se confunde em partes com a cristã, após o processo chamado de “ontologização da fé cristã”¹³.

Parecia aos artistas e humanistas da Renascença que os homens lograriam por fim, impulsionados pela Antiguidade que voltara à superfície, livrar-se da pesadez sombria e da tristeza metafísica da Idade Média; e um desdém pior que o ódio os animava contra todos os métodos de educação escolástica (em plena decadência desde a época de S. Tomás de Aquino); contra a Igreja *corrompida*, com seus prelados rapaces e voluptuosos, seus monjes sujos e ignorantes, seu culto mecânico e suas *superstições ridículas* [grifos nossos]; contra a estultícia, a falta de liberdade, a repressão da vida sexual, a hostilidade com o corpo humano, a natureza viva e a beleza artística (AUERBACH, 1972: 151)

Em seguida o autor afirma que esse desprezo inicial da fé cristã, de certa maneira pioneira dentro do quadro de mentalidades medievais, veio a ser complementado pela Reforma Protestante, pelo surgimento da imprensa, e alguns outros fatos. Mas adverte o autor: “Cumpro, todavia, não pensar que a Renascença tenha sido, no conjunto, anticristã” (AUERBACH, 1972: 152). Não seria ainda uma secularização no sentido integral do termo, mas uma ruptura, ainda que inicialmente tímida, tinha sido iniciada.

Será na Itália, que não experimentou a Reforma em grande intensidade (o que já não ocorreu com os povos da Europa central e ocidental) (AUERBACH, 1972: 159), que essa atitude começará a ganhar contornos mais laicizantes. Pois as pessoas desses países supracitados que não aceitavam o cristianismo teriam a possibilidade de procurar explicações religiosas do mundo em alternativas protestantes, o que já não ocorria na Itália, onde o cristianismo era a única forma religiosa “conhecida” e “possível”. Para Auerbach, o movimento Renascentista desse país efetivamente imita aos antigos, mas essa arte italiana produzida por este movimento

[...] não é servil como a do Humanismo integral, mas se adapta, antes, às necessidades e aos intintos do século XVI e do povo italiano dessa época,

¹³ Processo no qual a filosofia é “jogada” para dentro da fé cristã, que passa a utilizar seus dispositivos formais de demonstração para comprovar seus dogmas por vias racionais. (ROCHA, 2010: 53)

assemelhando-se, nisso, ao Humanismo em língua vulgar. Basta pensar nas Madonas de Miguel-Ângelo, nas numerosas igrejas, para dar-mo-nos conta de que os assuntos cristãos e as necessidades do culto ocupavam sempre o primeiro lugar na produção artística. Mas tais assuntos foram concebidos e tais necessidades satisfeitas num espírito diferente do da Idade Média, um espírito *mundano e secular que preza e imita as formas da Natureza pela sua beleza* [grifos nossos], de sorte que a Madona era, verdadeiramente, uma jovem mulher com seu filho; que Jesus, no Juízo Final, lembrava um deus antigo; e que as igrejas, imitando a forma e o espírito da arquitetura antiga, não consevaram nada mais do *impulso metafísico* das igrejas góticas. E a par da arte que servia às necessidades do culto, uma outra arte, puramente secular, que quase não existira anteriormente, se desenvolve com rapidez (AUERBACH, 1972: 160)

Esta secularização acaba por se expandir para o domínio político e econômico, e inicia-se dentro do meio intelectual italiano, no século XVI, uma grande discussão acerca da teoria política, da qual emerge o nome de Nicolau Maquiavel (1496-1527),

[...] primeiro escritor moderno a considerar o Estado e a política de um ponto de vista puramente *secular e humano*, sem nenhuma relação com as teorias da Igreja [...] e a declarar abertamente que o poder é, por si mesmo, o fim natural de toda a política [...] (AUERBACH, 1972: 161)

Será dessa concepção de mundo – sacralizado, mundano, científico – que o positivismo se afirmará como defensor, tenha-se em mente a ideia de Religião da Humanidade, expressão que permeia o cabeçalho dos suportes das publicações analisadas nesse trabalho. E o princípio de causalidade não mais se encerra nos parâmetros escolásticos, que o associavam a Deus como o primeiro motor de causa-efeito do universo, mas sim a Natureza por si, como uma entidade não causada. Essa concepção remete à característica fenomenológica do Positivismo, a qual esclareceremos na próxima seção.

Pues lo que los positivistas entienden por la prohibición em cuestión [explicar fenômenos não visíveis por entidades não físicas], no es el rechazo de las cuestiones relativas a las causas que no aparecen en la experiencia inmediata, sino la falta de explicación de um fenómeno por la presencia de entidades ocultas que fundamentalmente no se pueden con los medios asequibles al hombre. La “materia” y el “espíritu” constituyen ejemplos clásicos de esas entidades que los positivistas condenaban como interpolaciones ilegítimas porque van más alla de la experiencia posible (KOLAKOWSKI, 1988: 16)

O foco na *physis*, e não na metafísica confere ao positivismo uma preocupação muito mais mundana, pois a natureza se ofereceria aos sentidos, se deixaria apreender por

vias cognitivas, poderia ser alterada - o que conduziria à epistemologia comteana por uma via muito mais pragmática.

É possível vislumbrar-se essa filosofia no interior do pensamento positivista, quando Anne Petit afirma que

Comte começava, nos últimos tomos do Cours, a “considerar as coisas sob o mais extenso ponto de vista prático”, e a falar de uma “escola positivista” que se opusesse à “escola retrógrada” e à “escola revolucionária” [...] está nitidamente engajada na ação sociopolítica – como bem demonstra a nova apresentação da hierarquia das ciências – e sua aptidão declarada para guiar a “moral” erige-a à concorrentes das religiões (PETIT, 2007: 36)

O alvo das ideias de Comte são as coisas práticas (e não metafísicas), de modo que postula uma moral específica que concorre com a moral das religiões, baseadas na deontologia. A moral proposta pelo autor seria alcançável pela ciência positiva apenas, e mais tarde pela Religião da Humanidade, tradução dessa ciência para a substituição do catolicismo. A morte de Clotilde de Vaux, sua esposa, mostra-se um acontecimento dramático para Comte, de modo que há autores que afirmam que é esse fato que desencadeia esse forte empenho em proclamar esse sistema religioso, o que vem a ocorrer no ano de 1847 (RIBEIRO JUNIOR, 2009: 8).

É a partir de todo esse *pool* de ideias que o positivismo se inicia como Movimento Social. E é nesse embalo que, a partir de 1848, funda-se a Sociedade Positivista. Nela,

Os membros [...] têm tarefas precisas a cumprir e práticas rigorosas a respeitar: intelectualmente, devem ler e aderir a textos básicos; na prática, devem participar de reuniões regulares e redigir os Relatórios circunstanciados; e, finalmente, devem contribuir para o “livre subsídio” positivista, instaurando por Littré, para assegurar os recursos decentes ao mestre e à publicação dos trabalhos da escola (SOARES, 1998: 39)

Essa sociedade será a célula-tronco que dará origem a células especializadas, que se espalharão pelo mundo, numa reprodução sobre condições controladas com fins a causar uma metástase destas no tecido da humanidade. É nesse ponto que inicia nossa trajetória, quando o positivismo chega ao Brasil e, posteriormente, ao estado Rio Grande do Sul. É de nosso desejo articular o modo como houve essa recepção concomitantemente com a definição do que é a filosofia positivista.

4 - O Positivismo comteano, o Templo Positivista e a lógica da produção das evidências

Na História da Filosofia, segundo Kolakowski, o Positivismo é um termo que não se resume ao sistema comteano (KOLAKOWSKI, 1988:64).

El término “positivismo” posee una pluralidad de acepciones: además de una doctrina filosófica que no se reconoce ni como doctrina ni filosofía, esta palabra designa también cierto punto de vista dentro de la teoría del derecho, cierta corriente históricamente conocida en literatura, así como una cierta posición en ciertas cuestiones teológicas (KOLAKOWSKI, 1988:11)

O autor, todavia, propõe-se a se focar na filosofia positiva (ou não filosofia, como ressalta o autor) (KOLAKOWSKI, 1988: 13). Esta filosofia seguiria quatro regras básicas: (1) fenomenalismo (a não existência entre disparidade entre essência e fenômeno, somente interessando ao homem o que aparece à experiência sensível ou científica) (KOLAKOWSKI, 1988: 15), (2) nominalismo (acreditar na correspondência total (KOLAKOWSKI, 1988: 17) entre as palavras e as coisas (como diria Foucault), entre significante e significado (como diria Saussure), (3) negação de todos os valores cognoscitivos dos juízos de valor e dos enunciados normativos (pois elas não derivariam do método da ciência (todas as ciências partiriam da mesma base)¹⁴ (KOLAKOWSKI, 1988: 21).

A partir desses axiomas, o autor ressalta, surpreendentemente, manifestações de positivismo em uma série de épocas que parecem surpreendentes aos olhos de quem estuda o sistema positivo. Como quando o autor se refere aos gregos e o princípio do fenomenalismo que estes rudimentarmente formularam e do qual o positivismo se apropriou:

Se puede hacer empezar el pensamiento positivista europeo prácticamente en cualquier momento de la historia, pues es cierto que numerosos temas que consideramos fundamentales en las doctrinas positivistas modernas tienen sus antecedentes en la Antigüedad: tanto en los fragmentos de los estoicos y los escritos conocidos de los escepticos, como en los de los atomistas, nos encontramos con desarrollos que sugieren, casi sin vacilar, los tratados antimetafísicos de los Tiempos Modernos. (KOLAKOWSKI, 1988: 24)

¹⁴ Podemos comparar um pouco essa vontade com a ambição que Albert Einstein (1879-1955) nutriu durante a sua vida como físico, que foi a de unificar os campos da Física. Mas se o alemão frustrou-se em seu intento, aparentemente o francês não sentiu-se da mesma maneira, muito embora suas pretensões não se limitassem apenas à Física.

O autor identifica positivismo expresso na época medieval (na baixa idade média), no século XVII, no Iluminismo, modernismo, e em autores como David Hume (ao qual considera o pai do Positivismo), Stuart Mill, Peirce, e em autores do Círculo de Viena (entre eles Ludwig Wittgenstein).

A concepção proposta por Comte no ano de 1830 de positivismo pode ser discutida através de alguns tópicos muito divulgados de sua teoria: a ideia de Reforma Social, a ideia de Reforma das Ciências, a Lei dos Três Estados e a ideia de Religião da Humanidade. As obras capitais de Comte para a fundação do Positivismo são: “Curso de Filosofia Positiva” (1830-1842), “Discurso Preliminar sobre o espírito positivo” (1844) e “Sistema de política positiva ou trata de sociologia insituindo a religião da humanidade” (1851-1854) (RIBEIRO JUNIOR, 2009: 8). Evidentemente, nos focaremos no último item e suas implicações, de tal maneira que busquemos compreendê-las no capítulo anterior. Dessa maneira, vamos tentar compreender, desta vez do ponto de vista estritamente histórico, o modo como as ideias positivistas penetraram fisicamente o território e ideologicamente as mentalidades brasileiras, e, depois, gaúchas.

Augusto Comte sonhava com a difusão mais ou menos rápida de sua doutrina. Bastariam sete anos para que se expandisse pela Europa e não mais que 33 para cobrir o mundo civilizado [civilização: noção antropológica e filosoficamente bem questionável, mas sigamos adiante]. Chegou mesmo a dizer: “antes de 1860 pregarei o Positivismo em Notre Dame como a única religião verdadeira”. [...] O que ele [Comte] não contava é que viesse a ser o Brasil o país em que encontraria o mais favorável dos ambientes para exercer sua influência cultural, filosófica, científica, política e religiosa, a ponto de marcar incisivamente sua presença nas instituições e de haver determinado o surgimento, até aqui, do único templo para suas prédicas, construindo segundo as indicações gerais do Catecismo. (SOARES, 1998: 87)

A primeira publicação no Brasil de uma obra de cunho positivista teria se dado dois anos após a publicação do “Cours...”, na tese de Justiniano da Silva Gomes em 1844, na área de Biologia (“Plano e Método de um Curso de Fisiologia”) (SOARES, 1998: 87).
A partir desse marco

[...] acentua-se no país uma atmosfera de Positivismo difuso, a princípio entretida por alguns brasileiros, discípulos diretos de Augusto Comte, que vieram exercer aqui suas atividades, ou de pessoas que mantiveram em Paris relações com o filósofo [...] (SOARES, 1998:, 88)

A influência do positivismo no Brasil teria sido bastante evidente, rendendo o autor destaque para a elaboração das Constituições Federais escritas após essa penetração. No Rio Grande do Sul o Positivismo atingiu seu maior desenvolvimento (o único local no mundo onde se instalou uma ditadura republicana (TRINDADE, 2007: 137), evitando, assim, a república democrática ou socialista (RIBEIRO JUNIOR, 2009 126)), abrangendo todos os aspectos do sistema comteano. Pereira sugere uma certa afinidade entre o pensamento gaúcho e o positivismo ao comparar a Constituição Federativa erigida pelos farroupilhas, encontrando nesta semelhanças com o sistema positivo (SOARES, 1998: 127). Tambara afirma que, em meados do século XIX no estado, o positivismo era apenas uma excentricidade de um grupo diminuto de intelectuais. Todavia, subitamente, “setores expressivos da sociedade passam a incorporar as ideias de Comte” (TAMBARA, 1998: 171), de modo a se constituir o partido criado por essas ideias, o PRR – Partido Republicano rio-grandense, uma oposição à dicotomia Partido Liberal - Partido Conservador. Neste partido havia a indelével influência de Júlio de Castilhos e de Demétrio Ribeiro. “A forma como se deu a adaptação dos ideais positistas na estrutura político-administrativa do Rio Grande do Sul apresenta tais singularidades, que se denomina de “castilhismo” para diferenciá-la da forma ideológica pura” (TAMBARA, 1998: 172). Assim, no castilhismo era muito forte a noção da moralização do indivíduo através da tutela do Estado (RODRIGUEZ apud TAMBARA, 1998: 172). É importante ressaltarmos que esse trabalho é um exercício de reflexão em cima de uma regionalidade brasileira para que se possa iniciar a se pensar o todo. Há diferenças regionais significativas nas regiões do país, e não pretendemos esgotar o objeto a partir desse trabalho, de ordinário localizado.

O fenômeno do positivismo no âmbito político do Rio Grande do Sul é sem dúvida muito interessante. Todavia, cumpre notar que o nosso foco se dará no segmento midiático, que utiliza diferentes estratégias e diferentes concepções. Após algum tempo organizando sua ação propagandista sem a existência de um epicentro (as reuniões eram realizadas domiciliarmente), inicia-se um esforço por parte de Carlos Torres Gonçalves, membro da Igreja (SOARES, 1998: 178) para centralizar tal panorama difuso.

A primeira ideia foi contar com um local que, além da realização de comemorações ligadas à doutrina, permitisse reuniões administrativas, depósitos de bens diversos, inclusive publicações, e a formação de uma livraria, incluindo a “Biblioteca Positivista”, recomendada por Augusto Comte. (SOARES, 1998: 178)

A Capela/Templo/Igreja foi fundada através da captação de recursos fiduciários junto aos membros da sociedade positivista, a partir dos esforços de Felizardo Júnior. (SOARES, 1998: 178). Sua localização ainda é na Rua João Pessoa, no município de Porto Alegre. Ironicamente, os recursos propagandísticos que subsidiaram essa pesquisa foram extraídos de um ambiente externo ao Templo – que é o princípio da propaganda, a propagação para fora do centro de criação do ato comunicativo – de modo que o local de coleta foi o Núcleo de Pesquisa Histórica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

5 - A compreensão por dentro do grupo positivista

Acreditamos que, para este trabalho, possa ser interessante tentar compreender as categorias “nativas”¹⁵ (SEEGER et al., 1987: 14) dos positivistas porto-alegrenses por si um esforço parecido com o da antropologia simétrica proposta por Bruno Latour e por Clifford Geertz. Na mesma lógica com que Marshall Sahlins critica aos culturalistas americanos por não considerarem aos americanos mesmos como portadores de cultura (ao encobri-la com o véu do utilitarismo) (SAHLINS, 2003: 305), sugerimos que os positivistas possuem uma alteridade – cultural e também histórica - que não pode ser compreendidas pelo simples fato de estarmos próximos a eles cronológica, cultural e geograficamente. Em um primeiro momento, foi-nos sugerido utilizar neste lide o conceito de Ideologia (conceito de Antonio Gramsci), que afirma basicamente que há, entre a realidade e a percepção do real, uma dimensão teórica implementada através da dominação social que serve para interpretar essa realidade de maneira a conferir veracidade a discursos hegemônicos (desse autor, seria mais interessante para essa pesquisa a ideia de Revolução pela Política e pela Educação). Consideramos este conceito inadequado para lidar com o pensamento positivista. O pensamento positivista, de certa maneira, não busca legitimar uma dominação elitista, que nem mesmo existiria efetivamente. Os positivistas não consideravam que ser positivista era causa suficiente para torná-los dominantes “de imediato”, visto que há dominantes de outra monta que não se utilizam desse sistema representacional, e mesmo a sociedade positivista não congregava todos os membros da classe dominante, apenas uma parte dela. Também não

¹⁵ A esse tipo de procedimento, Seeger chama de “idealismo”, pois essa atitude antropológica “[...] assume radicalmente o papel formador que as categorias coletivas de uma sociedade exercem sobre a organização e as práticas concretas desta sociedade” (SEEGER et al., 1987: 14) . No caso, os positivistas são a nossa sociedade-alvo.

nos pareceu haver um estranhamento por parte dos positivistas para com outras alteridades, como os estados positivos e teológicos. O que propomos aqui, para compreender a lógica de seu pensamento é um conceito de “irradiação catalisada irreversível” para tentar dar conta deste objeto.

Para os positivistas, o “estado positivo” espalhar-se-ia pela humanidade em evolução de maneira inercial, irradiando-se naturalmente, através do recurso de tentativa-e-erro nos diferentes povos. “A política teria de superar, como já o tinham feito todas as demais ciências, suas formas teológico-metafísicas, para enfim tornar-se positiva” (PETIT, 2007: 16).

Assim, a ação dos positivistas se resumiria, em seu pensamento, ao ato intelectual puro, o que excluiria o domínio da violência física ou simbólica, e se trataria de, através do pronto convencimento gerado pela simples exposição, irradiar mais rapidamente o estado positivo, superando o enfadonho acúmulo de tentativas-e-erros (que, por si só, conduziria fatalmente ao estado positivo ao custo de muitos anos, mas que poderia ser facilitado pela doutrina positivista já acabada). Afinal, o século do positivismo herdou “um mundo em efervescência” (PETIT, 2007: 14), ansiando-se por reconstruções e reorganizações sociais que dessem conta de construir uma solidariedade.

O “estado revolucionário” de acordo com a lógica positivista seguia um movimento linear e contínuo cujo sentido traçado pela humanidade era “resultante de sua sociabilidade absolutamente involuntária e das atitudes, não menos involuntárias, que lhe permitem acumular as aquisições intelectuais” (litré, Magnin, Laffite, 1848, 8p.). Dessa compreensão do desenvolvimento humano, “obediente a uma lei que rege um fenômeno natural”, a filosofia positivista concebia os sessenta anos percorridos pela França, marcados pelos acontecimentos de 1789, 1830 e 1848, como a grande fase da modernidade. (RIBEIRO JUNIOR, 2009: 126).

6 - Metodologia de Coleta e Análise dos dados: a teoria das representações sociais através da Análise de Conteúdo

A proposta desse trabalho é fazer emergir, através da análise de conteúdo, as Representações Sociais - um construto oriundo da área, como o próprio nome dá a entender, da Psicologia - dos positivistas acerca dos conceitos “Deus”, “Humanidade” e “Religião”, com fins a captar a lógica com que operava a propaganda. Segundo Bôas, há uma relação estreita entre a teoria das representações sociais e a história das mentalidades

(BÔAS 2010: s/p). O objetivo é realmente utilizar essa ferramenta para reconstituir uma mentalidade – que opera a partir de uma moralidade - específica de um tempo histórico, através do recurso das representações sociais.

A teoria de Representações Sociais visa analisar, a partir de uma perspectiva da psicologia social, modalidades de conhecimento prático dirigidas para a comunicação e para a compreensão do contexto social. (Jodelet, 1985: 31). São formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos tais como imagens, conceitos, categorias, teorias - mas que não se reduzem aos seus componentes cognitivos. Segundo Moscovici (1981: 181), seriam as Representações Sociais “[...]um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual”. (MOSCOVICI, 1981:181). Ou seja, são maneiras representacionais socialmente compartilhadas estruturantes e estruturadas (SPINK, 1993: 303) de se explicar o mundo revestidas da dinâmica própria que envolve os mecanismos do meio social, criando, assim, uma realidade comum (BAPTISTA, 1996: 2). Vamos chegar a essas Representações através da técnica de Análise de Conteúdo.

A coleta de dados foi realizada no Núcleo de Pesquisa Histórica (NPH¹⁶) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciando no dia 8 de outubro do ano de 2012, funcionando através do acervo do local correspondente ao Templo Positivista de Porto Alegre (Rua João Pessoa, 1084). O arquivo é composto de, no total, seis caixas: 40 envelopes e 319 documentos.

Assim, uma vez apreciado o acervo e elaborado o problema, decidiu-se por se utilizar o método da Análise Documental. Dado que se trata de publicações de diferente monta, como veremos mais adiante, a opção para o estudo foi pela Análise de Conteúdo. Assim, após delimitar-se os dados de produção do documento (época, atores, objetivo (BACELLAR, 2006: 63), buscou-se aplicar a metodologia da Análise de Conteúdo no material, em sua vertente Categorizante, buscando captar as categorias recorrentes do texto. Almeja-se reconstituir as representações sociais (MOSCOVICI) sustentadas pelo

¹⁶ Um panfleto sobre um curso sobre o NPH dá mais detalhes sobre o mesmo: “O Núcleo de Pesquisa em História foi criado em 1982 através da reunião de acervos do Gabinete de Pesquisa em História do Rio Grande do Sul (fundado em 1973), recebendo posteriormente os acervos resultantes de alguns projetos desenvolvidos pelo Departamento de História e doações privadas. Atualmente o NPH conta com acervos sobre INDÚSTRIA e TRABALHO no Rio Grande do Sul (1889-1945), a CAPELA POSITIVISTA de Porto Alegre, diversos documentos sobre a história do Brasil colonial, Periódicos e documentos em meio digital (jornais como A Voz do Trabalhador, Correio do Povo, Folha Metalúrgica e A Federação), a coleção Edmundo Gardolinski com materiais relativos à colonização polonesa entre outros.”

grupo positivista para sustentar a ampliação do ateísmo para o restante dos brasileiros. São essas representações que servirão de substrato para a ação.

A desenvolvedora da metodologia da Análise de Conteúdo é Laurence Bardin. Ela descreve a Análise de Conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos para a análise de uma série de manifestações diversificadas de algum enunciado (BARDIN, 1977: 9), buscando o que está latente ou escondido da mera percepção cognitiva. “Analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui a primeira “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião...” (BARDIN, 1977: 9). A maioria das técnicas de análise de conteúdo é do tipo temático e sequencial (BARDIN, 1977: 49). As técnicas em questão, oferecidas pelo livro, são a análise dos respectivos tópicos: associação de palavras, questões abertas, entrevistas de inquérito e comunicação de massa. Por conta dos dados se referirem ao passado, optamos pela última técnica, ressaltando o caráter temático de uma pesquisa textual – “contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada” (BARDIN, 1977: 77).

Definida a técnica de abordagem, inicia-se o método propriamente dito. Bardin afirma que há três fases deste método: (a) a pré-análise, (b) a exploração do material e (c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. (BARDIN, 1977: 95).

A pré-análise é composta pela leitura flutuante e pela escolha dos documentos (BARDIN, 1977: 96). A leitura flutuante consiste em “passar os olhos” por sobre o material, deixando o fluxo de ideias iniciarem-se, algo como uma livre associação psicanalítica, para, em um momento posterior, focar-se a atenção sobre o que se mostrou relevante para o pesquisador. Foi feita com a abertura de cada uma das caixas e dos envelopes, lendo-se apenas as partes que chamavam a atenção sem perguntar o porquê dessa ressalva temporária.

O trabalho iniciou-se pela leitura flutuante do universo ou população de pesquisa (os arquivos do Templo radicados no NPH), buscando material que fosse relevante para escrutinar ao objeto. O material apreciado foi de amplo espectro: desde revistas de divulgações, panfletos, ensaios e romances. A amplitude de locais onde o material foi impresso e distribuído também é impressionante: São Paulo, Curitiba, Paraná, Vitória, Porto Alegre, Paris, entre outros. Nos primeiros dias de leitura flutuante, foi detectada uma série de frases que eram efetivamente muito ricas dentro da documentação semanticamente, e, por um momento, cogitou-se trabalhar diretamente com esse material, buscando esse conteúdo para fundamentar a construção do trabalho de pesquisa. Todavia,

durante a busca, encontrou-se documentação que se ligava ao objeto de maneira contundente e direta. Assim, a amostra foi determinada a partir dos seguintes documentos:

/A/	"Manifestos Humanistas I e II" (Caixa 1, Envelope 2)
/B/	"Marcha do ateísmo" (Caixa 1, Envelope 2)
/C/	"Humanidade: a deusa do futuro" (Caixa 1, Envelope 3)
/D/	"A ciência e a tecnologia: Desumanização ou redenção do homem?" (Caixa 1, Envelope 3)
/E/	"O milagre e a conciliação (?) entre a ciência e a religião" (Caixa 1, Envelope 3)
/F/	"Positivismo ou Religião da Humanidade" (Caixa 1, Envelope 3)
/G/	Encarte 7/1926 (Caixa 4, envelope 1)
/H/	"A aliança religiosa e a regeneração humana" (Caixa 4, envelope 1)
/I/	"A harmonia mental" (Caixa 4, envelope 1)
/J/	"Ensino do Catecismo Positivista" (Caixa 4, envelope 1)
/K/	"S. Francisco de Assis" (Caixa 4, envelope 1)
/L/	"A liberdade espiritual e o ensino religioso nos estabelecimentos públicos de educação" (Caixa 4, envelope 2)
/M/	"A propósito da questão do Cristo no Juri"¹⁷ (Caixa 5, envelope 1)
/N/	"Representação à liberdade de associação religiosa" (Caixa 5, envelope 1)
/O/	"Artigos episódicos de 1891" (Caixa 5, envelope 2)
/P/	"A secularização dos cemitérios" (Caixa 5, envelope 2)
/Q/	"Imposto predial e o templo" (Pasta 5, envelope 1)
/R/	"O espiritismo e o Código Penal; a feitiçaria e o código penal; férias forenses" (caixa 1, envelope 1)
/S/	Mais uma vez a verdade histórica sobre (Caixa 4, envelope 1)

Será essa amostragem da documentação a que será utilizada neste trabalho para fazer emergir as categorizações desejadas. Dada a extensão dos títulos dos arquivos, vamos os representar a partir da letra que aparece à sua esquerda na legenda. Durante a exposição vai se evidenciar uma maior referência aos primeiros itens da lista, pois é nele

¹⁷ Neste documento não foi encontrado nenhum dado novo de acordo com o enfoque dessa pesquisa. Todavia, registramos a importância jurídica deste documento para futuras pesquisas.

que se toca no assunto com mais força, restando aos outros materiais o papel de fornecer alguns trechos de suporte, já que estes não se referem exclusivamente ao objeto proposto.

Será considerado que as ideias permaneceram as mesmas durante toda a faixa cronológica pela qual se espriam os documentos (do ano de 1897 até o ano de 1924), e não se considerará, também, em primeiro lugar a questão do auditório a quem essas ideias se direcionavam nas diferentes publicações (não será aplicada aqui nenhuma teoria da recepção), considerando-se esse auditório como homogêneo, e, em segundo lugar, às diferentes culturas em que este circulou. Entendemos que adotar essa postura seja respeitar a própria especificidade do grupo positivista, e não incorrer em desleixos historiográficos. Pois os positivistas, em nosso entender, adotavam a linguagem que lhes parecia a mais “evoluída” possível (e, por consequência, universal), e utilizar-se de recursos retóricos para adaptar-se culturalmente a pessoas presas no primeiro e no segundo estágio nos parece algo que entraria em contradição com a própria teoria sustentada, já que, uma vez a verdade alcançada – algo que as pessoas alcançariam naturalmente ao justamente se desvencilhar dos estados mentais atrasados - não haveria a necessidade de recursos extra-discursivos para o convencimento dos mesmos. O discurso, em nossa concepção, manteve-se o mesmo durante esse período, variando apenas as situações às quais eles se referiam. Ademais, metodologicamente, a análise de discursos não pensa a questão da recepção da mensagem, apenas reflete sobre a articulação da superfície dos textos com os fatores que determinam essas características (BARDIN, 1977: 42).

7 - Representações Sociais Positivistas: a atuação ideológica de um movimento na esfera pública

O fato de os positivistas revestirem sua missão de uma alma “messiânica”, retratada pela linguagem que utilizam para caracterizar essa doutrina já serve de alerta para a interpretação do material, algo que deve ser, primeiramente, alvo de um estudo hermenêutico para tentar determinar-lhe o sentido (REIS, 2000: 12). Em Nossa opinião, a Análise de Conteúdo, utilizada em pesquisas históricas, deve ser sempre precedida por esse trabalho hermenêutico. Após essa compreensão, as Representações Sociais historicamente diferentes poderão emergir com muito mais agudeza epistemológica, levando em conta a sociabilidade e a historicidade da fonte, e não apenas a relação dela consigo mesma.

Pois a chave gnóstica adequada para compreender a mistura de termos como “Igreja”, “Religião”, “Espiritualidade”, “Apóstolo”, “Grão Mestre” (ao se referir a Comte), com um vocabulário cientificista, é justamente remontar ao contexto histórico-intelectual no qual Auguste Comte vive, o qual ele busca reformar socialmente através de uma revolução religiosa. Pois que:

En la religion positiva, la humanidad reemplaza a las divinidades mitológicas. La humanidad es un ser trancedente por relación a los individuos, compuesto de todos los individuos vivos, muertos y por venir; los individuos se renuevan en este ser como las células en un organismo, sin dañar por eso su vida autónoma. Los individuos son un producto de la humanidad: sus pensamientos, sus gustos y sentimientos, sus creencias, capacidades y facultades – todo eso es función del único y mismo organismo. *El concepto positivo de la humanidad requiere el mismo culto que se rendía antes a las divinidades imaginarias [grifos nossos]*. Como en el pasado, la religión unirá a los hombres e organizará sus vidas, reactivará sus deberes (nunca sus derechos); en oposición a los antiguos mitos, la religion positiva logrará conciliar, en perfecta armonía, las necesidades afectivas e intelectuales de los hombres. (KOLAKOWSKI, 1988: 84)

Kolakowski prossegue:

La fascinación de Comte por la fuerza del catolicismo, su universalismo, su capacidad de abrazar todas las formas de la vida humana, retiene nuestra atención. Del mismo modo la religión de la humanidad debe imitar exactamente el sistema de la Iglesia, al precio de una depuración de sus creencias teológicas superfetatorias, pero conservando su potencia unificadora. Los ritos y los sacramentos, el calendario, el clero necesario a la enseñanza de los dogmas de la nueva fe, el bautismo, la confirmación y los últimos sacramentos laicos – todo eso será salvaguardado. Los dogmas están ya prestos, a saber, la doctrina comtiana y las leyes científicas ya descubiertas. (KOLAKOWSKI, 1988: 85)

A partir desse princípio, que não é a rigor uma *imitatio* (no sentido renascentista do termo), mas sim uma “evolução” de um estágio para outro, a religião que Comte propõe reflete também a organização do modo como esse conhecimento novo será passado, uma vez que

Contruiremos [o autor está analisando a lógica dos positivistas] igualmente templos positivos que, funcionando según las reglas científicas, serán todos idénticos. La autoridad eclesiástica más alta será el Papa positivo, quien compartirá el poder con autoridades profanas positivas. Estas últimas vigilarán principalmente el desarrollo de la industria y la utilización de los productos de la mente con fines prácticos. Ya que, si pensamos, es para actuar mejor, si la mente funciona, es para satisfacer eficazmente las necesidades del cuerpo (KOLAKOWSKI, 1988: 85)

Também para uma compreensão mais adequada para a leitura do material e também deste trabalho, mostra-se importante a explicação da teoria dos três estados proposta por Augusto Comte. Comte acreditava ter encontrado a lei natural de sucessão de estágios nas coisas humanas. Para Comte, então, a humanidade passou e ainda passaria por três estágios.

Estudando o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro surto, creio haver descoberto uma grande lei fundamental [...] e que me parece poder ser solidamente estabelecida, seja sobre provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, seja sobre verificações históricas resultantes de um exame atento do passado. [...] Esta lei consiste em que cada uma das nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados teóricos diferentes: o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstrato; o estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em suas pesquisas, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferentemente e mesmo radicalmente oposto: de início o método teológico, em seguida o metafísico e, enfim, o método positivo (COMTE apud SOARES, 1998: 44)

Assim, no primeiro a explicação dos fenômenos ocorre pela ação direta e continua de agentes sobrenaturais numerosos; o segundo substitui esses agentes por forças abstratas personificadas; no terceiro, para-se de buscar noções absolutas, e para-se de buscar a origem do universo e a causalidade íntima dos fenômenos, buscando-se as suas leis. (SOARES, 1998: 45).

É nesta lógica interpretativa que será produzido o material sobre o qual incidirá a Análise de Conteúdo, e é a esse contexto a que nos referiremos quando emprendermos a busca destas Representações Sociais. São publicações que remetem à essa organização estruturada a maneira religiosa, que busca espalhar uma filosofia de mundo que contemple o homem física e afetivamente (fatores que a ciência e a religião só conseguem contemplar um a sua vez) (KOLAKOWSKI, 1988: 85) e à noção dos três estados.

Estabelecido esse referencial interpretativo, passemos para a análise em si da amostragem. Primeiramente, colheremos o que há nas fontes de relevante e depois aplicaremos ao método de categorização, para condensar a coleta. Em um terceiro momento, buscaremos as representações sociais espalhadas no material.

A análise de conteúdo é uma técnica (ou um conjunto de técnicas) que funciona buscando inferências (ou deduções ou interpretações) sobre um ato comunicativo linguístico (no sentido de ser uma fala), buscando o que está escondido, *i.e.*, suas condições de produção. Ou seja, não se centra na captação da evidência e na sua descrição

(de maneira imediata), mas sim a busca pelo que está “escondido” dentro do contexto comunicativo, em uma atitude de “vigilância crítica” (BARDIN, 1977: 30) mediata. Esta atitude interpretativa seria muito forte em autores como Durkheim, Bourdieu e Bachelard, e teria suas raízes no paradigma hermenêutico. Assim a análise de conteúdo busca evidenciar, através de suas técnicas - “será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977: 33) - uma leitura diferenciada de algum gesto comunicativo. Por essa razão, a tarefa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação como um receptor normal e conseguir, ao mesmo tempo, desviar o seu olhar para outra significação possível (BARDIN, 1977: 46). A Análise de conteúdo é plástica, dinâmica, adaptável, é realizada de acordo com a necessidade da pesquisa, mas acaba por seguir quatro etapas obrigatórias: a organização da análise, a codificação, a categorização e a inferência. Acreditamos que esse tipo de metodologia – que pode ser utilizada também pelo historiador, dentre outros pesquisadores (BARDIN, 1977: 29) – possa contribuir para diferentes interpretações de fontes dentro do seu contexto de produção (que é a ferramenta oferecida pela história), o que pode levar a conclusões fora das habituais, e não apoiadas na mera descrição.

Dentre as técnicas da análise de conteúdo, o procedimento que adotaremos, dentre os apontados pela autora, será o de categorização. Segundo Bardin, este é um processo sobre os dados brutos que funciona, em um primeiro momento, por classificação (em conjuntos), e em um segundo momento, por reagrupamento (por gêneros) (BARDIN, 1977: 145). Assim, um documento apresenta todos os dados misturados dentro de sua estrutura, remetendo estes a uma série de temáticas sem haver separação destas. O analista de conteúdo fará, em um primeiro momento, a separação destas temáticas, adotando o mesmo procedimento com uma série de outros documentos da mesma natureza. Assim, ele realizará a classificação (no nosso caso, através das categorias), e, dentro deste conjunto, conseguirá reconstruir condensadamente os dados, encontrando, assim, a realidade subjacente a que eles fazem referência (BARDIN, 1977: 146), reconstruindo as causas a partir de seus efeitos (BARDIN, 1977: 167).

Assim, categorias:

[...] são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos (BARDIN, 1977: 145).

Essas categorias podem ser determinadas segundo uma série de critérios, que vão ditar quais serão as características comuns que irão determinar a união desses elementos em torno da categoria em questão. Os critérios podem ser semânticos, sintáticos, lexicais ou expressivos. Como nossa pesquisa se centra na busca de recorrência de determinados sentidos, nos alinharemos ao primeiro critério.

Dentre os processos de categorização possíveis, optamos pela análise temática. A nossa busca será determinada *a priori*, e não *a posteriori*, pois entendemos que buscar as categorias de Religião, Deus/Deusa e Humanidade possam revelar com mais argúcia a mensagem que este movimento social deseja passar.

Procederemos dessa maneira: dada a categoria, vamos buscar seus componentes através do que os documentos nos ofereceram, e vamos condensar aqui as informações encontradas na fonte. No capítulo posterior, realizaremos a categorização e as inferências. Esse procedimento ficará mais claro assim que aplicado.

7.1 – Religião

Para os positivistas, a religião é um termo muito ambíguo. Pois, para estes teóricos, a religião deve ao mesmo tempo ser algo a ser superado (no tocante às religiões “antigas”, que são metafísicas ou teológicas) e algo a ser redirecionado (para resolver problemas dos tempos modernos) para um humanismo-religioso, que excluiria a religião como sempre fora, em prol de um modelo secularizado, que integre à humanidade da maneira correta de um jeito total. Nos escritos analisados, emergiram duas categorias de religião: a teológica e a positiva, ambas com suas decrificações próprias, que buscaremos identificar neste trabalho.

Em /A/:

Mudanças científicas e econômicas estraçalham as velhas crenças [...] vasto aumento de conhecimentos e experiências [nos dias atuais causaram essa desatualização]. Há grande perigo em final e (cremos) fatal identificação da palavra religião com doutrinas e métodos que perderam seu significado e que estão sem meios para resolverem o problema da vida humana no 20º século. Religiões sempre foram meios para realizar os mais altos valores da vida. Seus fins foram atingidos através da interpretação da total situação circunstante (teologia ou visão de mundo), o sentido dos valores resultantes daí (objetivos e ideais) e a técnica (culto) estabelecida para a satisfatória compreensão da vida (/A/: 1)

É perfeitamente apreensível de maneira subjaz a questão dos três estados, tão cara à Comte, de maneira que a religião antiga é considerada como um conjunto de crenças (adjetivo que a ciência não costuma adotar quando se refere a si mesma¹⁸) que remetem à essa mentalidade dos dois estados anteriores. Neste trecho é perceptível que a religião estava a acompanhar as características do estado teológico de evolução, pois a sua metodologia para a compreensão humana encerrava-se na teologia e no culto. De tal modo que “Uma mudança em qualquer destes fatores resultaria em alteração das formas exteriores da religião [...]”. Ou seja, a religião é uma das evidências da teoria dos três estados, ideia que se reforça em outros escritos.

O positivismo [ao ser dada a sua definição por parte do autor do texto], denominação usual da religião da humanidade, foi o desfecho fatal da longa e difícil evolução de nossa espécie no sentido do estabelecimento da verdade universal. [...] Esta fraternidade foi sempre o objetivo de qualquer religião, pois para o positivismo – religião consiste num sistema capaz de regular cada natureza individual e em congregar todas as individualidades (/F/: 1)

Neste sentido, /B/, que não possui impresso em seu topo o cabeçalho do templo positivista, mas que conta com citações de Auguste Comte, inclusive em sua capa (onde cita uma frase do “Catecismo Potivista”, e que claramente circulou como propaganda por conta dessa ligação), advoga que o século XX trouxe de bojo uma série de novas preocupações para a humanidade, de modo que o ateísmo agora se mostra uma ameaça atroz para as religiões ultrapassadas. Por esta razão descreve um histórico da marcha do ateísmo na história ao destacar que este sempre esteve presente nos acontecimentos humanos, como na Revolução Francesa, que se iniciou atéia até a intervenção retrógrada teísta de Robespierre. Haveria ateísmo até mesmo em Roma. (/B/: 1).

¹⁸ Embora seja possível se afirmar, quando da aplicação dos argumentos céticos propostos por René Descartes em suas “Meditações” (principalmente na primeira destas) que a ciência precisa assumir alguns pressupostos que poderiam ser considerados crenças, pois, ao não ser validáveis dentro destes parâmetros céticos, poder-se-ia argumentar que não se segue sua pretensão de universalidade. Pois, em nossa opinião, o cientista precisa confiar no equipamento que lhe confere os resultados, por exemplo, e deve acreditar estritamente no que este lhe diz, pois não possui os sentidos suficientemente apurados para lhes validar por si só ou contestar o resultado fornecido pelo equipamento (conf. DESCARTES, René. *Meditações metafísicas : acerca de la filosofía primera, en las cuales se demuestran la existencia de Dios y la distinción real del alma y del cuerpo del hombre*. Buenos Aires : Prometeo, 2009). O filósofo Charles Taylor aponta mais ou menos na mesma direção: “Do mesmo modo, em um grau ingênuo, não tenho qualquer experiência da constituição molecular das coisas. Mas isto não me impede que eu acredite no que me ensinam nas aulas de Física. Apenas essas crenças possuem um determinado lugar específico na minha visão de mundo; sei que estão disponíveis para mim apenas por meio de uma complexa atividade teórica de pesquisa, que fora realizada por outros” (TAYLOR, 2010: 47)

O ateísmo é, portanto, coisa velha na história da evolução do homem. É preciso convir porém, em que nunca teria sido possível o ateísmo tomar a força que tomou agora e inspirar aos espíritos teológicos, o temor que está inspirando, si a evolução humana não tivesse atingido ao degráo que atingiu, si não tivesse passado pelo monoteísmo, pela metafiziza, e si não se encontrasse ás portas do ultimo degráo de evolução ao qual fatalmente tem de preceder esse estado negativo, de ateísmo [para depois iniciar a religião humanista] (/B/: 2)

O fato de a religião mostrar-se descompassada com a evolução da sociedade dá margem ao surgimento do ateísmo, que é a negação dessa religião.

Assim, essa religião ultrapassada, a teológica, deve dar lugar a uma religião mais revolucionária, a positiva. Pois será essa religião positiva que poderá levar a cabo o conceito de religião no sentido integral:

A fim de se obter essa harmonia completa [proposta em outro parágrafo como o objetivo da religião] é preciso ligar o interior pelo amor e o religar ao exterior pela fé. [...] Daí a perfeita compreensão da palavra religião, que vem do latim – *religare* [sic]¹⁹ isto é, fazer essas duas ligações. (/F/: 1)

A religião seria a única instância capaz de ligar o homem duplamente com seu interior e com o seu exterior. Ou seja, uma maneira de ligar a dimensão psicológica à dimensão sociológica, criando-se, assim, o laço de solidariedade, por via da identificação, gerando-se assim o altruísmo. A mesma publicação procura descrever melhor esse laço:

A unidade supõe, antes de tudo, um sentimento preponderante, pois nossas ações e pensamentos são sempre dirigidos por nossos afetos. A harmonia humana decorre do provalhecimento do altruísmo. [...] Porém a condição interior não basta se a inteligência não nos fizer reconhecer, fora de nós, um ser superior ao qual estamos ligados e a quem devemos venerar. Nas outras formas religiosas, a unidade exterior tem sido obtida em torno de fetiches, deuses e deus. Não podendo semelhante harmonia Individual ou coletiva, realizar-se plenamente, numa existência tão complexa como a nossa, a religião caracteriza-se o tipo imutável para o qual tende cada vez mais o conjunto dos esforços humanos (/F/: 1)

Essa definição é recorrente em outros escritos:

A sociedade moderna separa-se hoje em dois campos opostos. De um lado, estão aqueles que lealmente acreditam que não pode haver sociedade e, por conseguinte, moralidade, sem uma religião qualquer. De outro lado acham-se

¹⁹ Hoje em dia já não se associa etimologicamente a palavra religião apenas a religação. Há uma dubiedade na tradução da palavra, pois alguns especialistas apontam que a sua origem pode estar no verbo *legere*, que significa *ler* em latim. Todavia, essa é uma simples definição etimológica, que não esgota a busca pela definição do conceito (CROWFORD, 2005: 19).

aquelles em numero infinitamente menor, que consideram a religião como inutil, e mesmo prejudicial. Além disso, até Atugusto Comte, pensou-se que *religião* era synonymo de *theologismo*. De sorte que, para apreciar convenientemente a situação actual dos espiritos urge desvanecer tal confusão. Porque a religião é o systema que assegura a unidade pessoal e social. Ao passo que o theologismo caracteriza o estado mental em que se acredita na existência objectiva de seres sobrenaturaes dominando e governando tudo (/L/: 3)

É nisso que reside a superioridade da religião positiva sobre a religião teológica: a capacidade de gerar essa solidariedade a partir da identificação do sujeito com o coletivo e consigo a partir de sua religião, pois o fator de coerção na religião teológica não se realiza a partir desse coletivo, mas sim a ligação direta e unidirecional entre o sujeito e o fetiche, deuses ou deus, não se ligando esse indivíduo nem a si mesmo nem a outrem. E é nesse nicho que a religião positiva consegue fazer pleno ao homem.

Por essa evolução, é possível traçar a história da religião, que é também a história da humanidade: “Primeiro espontânea, depois inspirada e em seguida revelada, a religião tornou-se, enfim, demonstrada, atingindo seu estado positivo.” (/F/: 2).

A religião da humanidade vai livrar o homem destas amarras que lhe impediam o progresso, pois essa religião:

De acordo com a natureza humana que é composta de sentimentos, inteligência e caráter, a plenitude religiosa vai se caracterizar pela – subordinação do progresso à ordem, da análise à síntese, do egoísmo ao altruísmo. Tais são os três enunciados: prático, teórico e moral, do problema humano, cuja solução deve consituir uma unidade completa. (/F/: 2)

Ou seja, a religião positiva tem a capacidade de dar condições de escapar-se de uma dimensão mais reduzida, o indivíduo (o progresso desordenado, a análise²⁰, o egoísmo), para uma dimensão mais ampla (a ordem, a síntese, o altruísmo).

A proposta é matar a esse Deus e colocar em seu lugar a Deusa, que nada mais é do que a própria humanidade, para que daí surja a nova Religião. Porque apesar de cientificistas, os positivistas não encaravam a ciência como única solução para a humanidade. A ciência seria um instrumento, que, utilizada sem um humanismo correspondente, conduziria o homem a um materialismo exarcebado (/D/: 20). Por essa razão, o autor afirma: “E o positivismo é equidistante entre o materialismo (excesso de objetivismo) e o espiritualismo (excesso de subjetivismo)” (/D/: 20).

²⁰ Aqui no sentido filosófico do termo: análise como operação de divisão de algo em partes menores para a compreensão dessas partes, síntese como a compreensão global das partes unificadas.

Delimitados os modelos com os quais os positivistas pregam e operam para lidar com o assunto, é interessante observarmos essas concepções na prática. Porque os positivistas, além de atuar na esfera pública distribuindo esse material para pessoas fora do campo jurídico, também buscavam uma atuação muito forte no modo como eram concebidas e aplicadas às leis. De modo que é possível encontrar uma série de publicações que visam comentar leis do ponto de vista positivista, acerca dos mais variados assuntos (como as leis trabalhistas, como as leis de trabalho doméstico, como as leis sobre a reforma ortográfica). E, em uma destas publicações, que é a do item |R|, o assunto é o comentário da lei 157, redigida pelo Dr. [sic] Viveiros de Castro acerca da criminalização de cultos animistas (considerado pelo magistrado como estelionato) e a não mesma consideração jurídica para com o espiritismo. Pois:

A providencia do legislador penal esqueceu, porém, que todas as doutrinas chiméricas, por isso mesmo que são absolutas, enquanto despertam sentimentos de amor pelas entidades que consagram, despertam-n'os também de antipatia e inextinguível odio entre si, a ponto de abrirem atravez de extenso campo da historia humana um profundo mar de sangue (/R/: 7)

O autor em questão já deixa claro que não é possível realizar a distinção entre as religiões metafísicas ou teológicas, pois a todas elas já partem do pressuposto de se odiarem, e daí decorrer os banhos de sangue da humanidade. Não é muito difícil de enxergar nesta concepção a similitude total com os argumentos dos neoateístas editoriais, que afirmam basicamente a mesma coisa: que a religião causa guerras e mortes (CONESA, 2011: 252). A única religião que pode ser diferente das outras religiões metafísicas ou teológicas é a positiva, que não traz dentro de si esse ódio. O que deixaria a pergunta: seria a religião positivista não portadora deste ódio unicamente por ser a única religião deste tipo?

A resposta, a princípio, seria que não, pois a religião da humanidade justamente acabaria com essas diferenças entre as religiões não positivas, pois ela incentiva a fraternidade, e não o ódio à diferença, inexistindo a possibilidade do amor se direcionar a outra entidade que não a própria Humanidade.

Por outro lado, se essas doutrinas não inculcassem a cura de todas as enfermidades, curáveis e não curáveis, se não proclamassem como certa isenção de todos os perigos e males que a contingência do homem traz sujeito à face do planeta, o que significariam os milagres de que os annaes religiosos estão cheios, as promessas aos santos, a efficacia dos amuletos, dos relicarios e a propriedade occulta, mysteriosa, de simples palavras para dominar a fatalidade dos

phenomenos cosmicos? O que significariam as preces para pedir chuva ou amainar as tempestades? E o que tem por fim a narração antiga e contemporânea de tamanhas transgressões da ordem natural das coisas, acompanhada das visões temerosas ou sedutoras de alem-tumulo, senão fascinar e subjugar a credulidade pública, afim de entretê-la n'um regimen de ficções, a que, aliás, o *passado humano* é devedor de incalculáveis benefícios? (/R/: 13)

A igualdade deriva dessa remissão ao primeiro e segundo estados de evolução, e é ela que dá origem a uma série de manifestações, é verdade que empiricamente diferentes, mas todas baseadas no mesmo princípio. Tanto que elas foram muito úteis ao passado. De modo que:

Mas se esses são os atributos gerais de todas as crenças ou religiões indemonstráveis, é claro que nenhuma lei pode, perante o direito constitucional da republica, fazer desses atributos o estigma particular de algumas dellas, como é o caso do art. 157 do codigo citado. (/R/: 13)

Não é consitucionalmente aceitável que se valorize uma religião em detrimento da outra, porque, por mais que uma religião pertença ao segundo estado, ela ainda é equiparável ao primeiro por ser sustentada pelas mesmas bases. A defesa das religiões afro - às quais estão sendo referidas no trecho - que o autor está propondo não é uma defesa com moldes foucaultianos, de relativizar todas as religiões transformando-as em discursos, constituindo-se uma delas no discurso hegemônico, decorrendo daí a historicidade dos sistemas, não permitindo a sua naturalização dominante por conta da sua essência diferenciada. Mas a defesa ocorre pelo nivelamento epistemológico: ambas estão num patamar anterior, são iguais por isso, mas não o são em relação à religião da humanidade. Todavia, não deixa de ser interessante que alguém daquela época não considerasse o catolicismo (ou o espiritismo, nesse caso) como superior ao xamânismo, por exemplo. Pois a tendência do evolucionismo, em qualquer uma de suas formas, é submeter o que considera o estágio anterior a uma inferioridade, algo que não acontece nesse escrito.

A feitiçaria não é o estelionato, mesmo na significação arbitraria e anti-juridica que o digno magistrado attribue a este vocabulo, para dobrar-se às exigencias de uma diposição tão mal pensada, quanto a epigraphe sobra a qual a inscreveram.

Não fazemos questão de palavras, mas confundir o feiticeiro com o burlão ordinário é deixar se dominar pela suspeita, pouco edificante, de que todas as crenças no sobrenatural são insprações da fraude ou mentira, e não resultado das diferentes condições da mentalidade do homem atravez do tempo e do espaço (/R/: 14)

O magistrado teria afirmado que a feitiçaria constituiria-se em atividade de estelionato ao enganar as pessoas a partir de entidades que não existiriam. O que já não ocorreria com os ditos espíritas.

A feitiçaria não é um estelionato, não é um *abuso de credulidade de pessoas ignorantes*, não é um crime contra a saúde pública, nem crime de ordem alguma, simplesmente porque é prática cultural do fetichismo, e o fetichismo é uma concepção de mundo, foi o início religioso da espécie humana, e continua a ser a crença efectiva de muitos milhões de habitantes do planeta. Domina ainda, para não fallarmos dos fetichistas espalhados por toda a face do globo, em grande parte do continente africano e, na sua forma mais adiantada, em todo o vasto império da China (/R/: 14)

Neste ponto do texto, o autor começa a descrever, sem a preocupação da simetridade antropológica a que nos referimos anteriormente, a cultura fetichista. Pois o conhecimento dessa mentalidade poderia ajudar na compreensão do argumento de que há similitude total entre as formas religiosas pré-positivas, e que estas mereceriam o mesmo respeito por conta de seus serviços à Humanidade.

Essa asserção só poderia causar estranheza a quem ignorasse que do portuguez - feitiço – houve as modernas linguas occidentaes o vocabulo – fetiche, e que com a primeira dessas palavras designaram os navegadores nossos antepassados os objectos de adoração ou culto dos naturaes das terras da África. (/R/: 14)

Após essa explicação filológica, que serve à guisa de introdução para o assunto, prossegue o autor:

Suppor que todos os corpos, quer vivos, que somente activos, possuem as mesmas faculdades que o homem, antes de tudo, em si proprio reconheceu; attribuir indiferentemente á pedra, á planta, ao animal e por último aos astros os mesmos desejos, pensamentos e inclinações que nos animam, - eis em que consiste, como é sabido, a concepção fetichista, a mais lógica e, por isso mesmo, a mais persistente de todas as hypotheses primitivas sobre o mundo exterior; eis qual, n'uma palavra, a base, o fundamento dessa odiosa feitiçaria que o providencial artigo 157 do Codigo Penal se propoz exterminar desde que percebeu – inestimável perspicácia! – que as práticas fetichistas constituíam serio e gravíssimos attentado contra a integridade da saúde de nós todos (/R/: 15)

Fica óbvio o desconhecimento do próprio autor sobre os pensamentos a que ele atribui a pecha de fetichistas. A lógica que o guiou nesta classificação foi a “lógica da

falta”. Em nenhum momento houve a indagação do *porquê* desse pensamento, uma tentativa de compreender o sistema de representações dessa mentalidade, que tornaria suas crenças dotadas de sentido dentro deste sistema (conf. GEERTZ, 1989), sem contar o uso excessivo das categorias de pensamento de seu próprio grupo para classificar ao outro, o fetichista.

O autor, então, realiza uma manobra que consideramos interessante: afirmar que, se é possível realizar a operação de indução para determinar a lei tal como ela é, então todas as pessoas seriam culpadas perante essa lei. Pois seria impossível escapar a essa infração, o que a tornaria impraticável como norma deontológica. Seria impossível escapar-se ao fetichismo em todos os momentos da vida, de modo que essa lei seria absurda por conta de sua inviabilidade prática.

E não obstante, os homens em sua totalidade, sem mesmo exceptuar os legisladores, são necessariamente fetichistas nos primeiros annos da existencia, por isso que no individuo se repete a evolução theorica da humanidade. E ainda depois de adultos, e já muito lidos em coisas de jurisprudência e em outras, o fetichismo, ou feiticismo, se quizerem, anda a denunciar-nos em todos os accidentes da vida. Revelamol-o na ignorancia que nos leva a formular hypotheses para explicar phenomenos, cujas leis desconhecemos, nas acções e gestos, a que a paixão nos obriga, fazendo-nos retrogradar á infancia do individuo, ou á infancia da razão humana, o que no caso é a mesma coisa; no apego íntimo, sincero, pelos mais insignificantes objectos materiaes que nos rodeiam; nas metaphoras da lingua em que nos exprimimos, no prazer indefinivel que nos proporcionam as grandes ficções poeticas. Em que toda a natureza sente, quer e pensa, ama, odeia e falla. (/R/: 15)

Prossegue o autor:

Revelamos, finalmente, esse eterno fetichismo no culto pelos mortos, culto que a perturbação moderna não conseguiu ainda inteiramente perverter, e que é tão amável e terno, como naturais e íntimas a desolação e a saudade com que pela ultima vez nos despedimos dos entes bons e queridos (/R/: 15).

Há uma associação desse fetichismo com a própria humanidade, de modo que negá-lo é negar a humanidade. E, curiosamente, quem propõe essa criminalização é quem vive diretamente esse fetichismo sem o perceber:

Há pessoas tão esclarecidas, quão respeitáveis, que descreem de tudo e de todos, menos, por exemplo, do horror que lhes inspira o simples canto de uma ave tida por agoureira, e que, tal qual certos aldeões das margens do danúbio, e provavelmente de outras partes, são incapazes de entrar n’um rio ou no mar sem antecipadamente se benzerem. (/R/: 16)

Ou seja, credíncias residuais. Apenas a religião positiva poderia ser a cura desse mal que é esse tipo de superstição. Mas prossegue o autor, reafirmando que não há superioridade no ponto de vista que está a defender:

Nota-se que não duvidamos dos valores desses iguais sistemas de curar os males do corpo, quando a alma está preparada para aceitar-lhes as prescrições. Todas estas coisas e muitíssimas outras, todas essas feitiçarias, em summa, se fazem, no entanto, com inteira acquiescência do monotheísmo mais popular no occidente, e até por intervenção ostensiva de seus mais altos representantes (/R/: 16)

É uma espécie de relativismo – guardado para os sistemas diferentes da religião positivista – que o autor está propondo. De modo que afirma, em seguida que:

Entenda-se que não censuramos. Censurar neste ponto seria desarrazoar; seria esquecer a relatividade das *coisas humanas [grifo meu]*, concedendo aprovação implícita á these que expressamente combatemos. Apenas recordamos factos que todos conhecem, e que são plenamente explicáveis, mas dos quaes parece não terem tido inteira consciencia nem o código penal, nem o Dr. Viveiros de Castro, quando acolheu uma disposição, não só ocioso, inútil por completo, senão também iníqua, parcial e- o que é tudo para um magistrado – claramente revogada pela lei primeira da republica.((R): 16)

Essa intervenção [da lei] impede, porém, e categoricamente, que as praticas do fetichismo, uma religião, diante da lei, tão respeitável como qualquer outra, sejam, e só porque são práticas dessa natureza, equiparadas ao estelionato ou fraude de outro carates (/R/: 17)

As coisas humanas são mutáveis, e essa diferença não deve ser exterminada através da força da lei. Essa uniformização ocorrerá naturalmente, e o panfleto em questão tinha por missão ensinar essa lição ao magistrado, para que houvesse uma intervenção positivista relevante no ambiente jurídico.

Outro estudo de caso interessante é o artigo que dá conta da liberdade espiritual e o ensino religioso /L/. Neste caso, trata-se de uma discussão jurídica sobre o veto que um prefeito fez a um projeto de lei que pretendia inserir nos internatos e nas escolas públicas primárias o ensino religioso católico e o culto da mesma religião. O autor mostra-se favorável a decisão do prefeito por concordar que o culto e a educação religiosa podem ser realizados com mais eficiência nas Igrejas, que abundariam em território nacional, não sendo facultada tal tarefa às escolas, que cumpririam-na pifamente. O autor desenvolve a argumentação no mesmo sentido de que o ensino de uma só religião é desrespeitoso para com as restantes religiões, que possuem a mesma valoração entre si.

Por fim, a surpresa do catálogo estava a cargo de ver-se escrita um encarte elogioso sobre São Francisco de Assis, dado que ele é um Santo de origem católica. Mas, ao percorrermos o prefácio, percebemos o porquê da admiração dos positivistas pela entidade:

O grande S. Francisco de Assis é o eterno padroeiro do proletariado passivo e foi o admirável instituidor das ordens mendicantes, inaugurando nobremente o seculo final da idade media (o decimo terceiro²¹), tentnado, em vão, a unica reforma que o catholicismo comportasse, substituindo um cleto necessariamente pobre ao sacerdocio deploravelmente enriquecido (/K/: s/p)

A importancia do santo não estaria ligada ao seu valor teológico, mas sim a sua atitude, a qual o autor considerou como afim ao positivismo, pois sugere a integração, e não a exclusão ou a inclusão violenta do proletariado.

Um último caso prático é o caso do imposto predial (que não seria aplicado aos prédios que abrigassem algum culto religioso) que o templo positivista estava sendo obrigado a pagar já que, segundo o jurista, não havia a crença em Deus naquele lugar (/Q/: 2). Miguel Lemos argumenta contra a decisão do aplicador da lei no sentido de reafirmar a Religião da Humanidade como um culto de mesma monta que os demais beneficiários da isenção do recolhimento.

No meu recurso, ocupei-me em refutar esses argumentos e em demonstrar que o pozitvismo, considerado em si mesmo, e organizado como se achava entre nós, devia ser equiparado aos outros cultos [...] [o] Pensador [Comte] foi mostrar, mediante uma analize profunda de todos os sistemas religiosos, que a noção fundamental encerrada no vocábulo – religião – é independente das diversas formas especiais que revestidas por esses sistemas atravez da evolução humana, e que ele contem um substractum comum, aplicável tanto ao fetichismo primitivo, que não conhecia Deus, como ao Pozitivismo final, que eliminou esta concepção provizoria (/Q/: 3)

Haveria uma essência na Religião da Humanidade que é igual a das outras religiões. Parentesco que decorre de sua evolução, o que permite que a lei a considere legalmente como um culto.

Para fins práticos, a religião é algo relativo quando tem a ver com religiões não positivas, e é algo mais sólido quando tem a ver com a religião positiva. A passagem de um estado ao outro não pode ser feita, no entanto, através da força física ou da força penal.

²¹ Não há consenso dos historiadores quando do fim da Idade Média. Jacques Le Goff, por exemplo, considera que esta avança até o século XVII.

Ela deve ser feita através do ateísmo, que desvia os ímpetus humanos das abstrações e a direciona a concreticidade, que é, no fim das contas, a Humanidade. Por essa razão, é interessante estudarmos como os positivistas concebiam a figura de Deus.

7.2 – Deus/ Deusa

Deus é representado como um conceito ultrapassado. É claramente uma ficção, que serve para ilustrar o atraso do passado, entidade cuja falta de desenvolvimento mental das pessoas contribuiu para ser criada como quimera. Todavia, Ele serviria ao projeto de futuro de alguma maneira, contanto que fosse compreendido da maneira correta, para que pudesse dar lugar a uma religião destituída de crenças. Deus é concebido como um processo.

É por essa razão que David Carneiro²², em /B/, transcreve o artigo de Dan W. Gilbert, “Novo Ateísmo” (/B/: 4). No artigo em questão, o autor afirma que o antigo ateísmo negava a Deus, e que esses negadores eram perseguidos pelos seus contrários por sua fácil identificação, e rapidamente eliminados, mantendo-se a ordem teísta antiga como se nunca houvesse existido ateísmo naquele tempo. Argumenta Gilbert que o novo ateísmo não é radical da mesma maneira, e que busca destruir a ideia de Deus por etapas, sem a negar completamente para não despertar a ira dos contrários. Ao invés de declarar explicitamente sua condição de descrença, o novo ateu difunde ideias científicas e materialistas no senso comum (sem esclarecer-lhes a origem), de modo que os religiosos as reforçam e reproduzem em seus dizeres e crenças sem perceber que estão, em realidade, divulgando o próprio ateísmo²³ (/B/: 5).

²² Uma informação que se mostra por demais interessante, dado o contexto em que foi encontrado o documento: o autor é, aparentemente, comunista, pois rende elogios à Rússia e aos materialistas revolucionários, e critica fortemente a burguesia. É um comunista que cita Comte, que é considerado, tradicionalmente, como um inimigo do comunismo e da democracia. Dado o escopo deste trabalho, não vai nos ser permitido analisar aprofundadamente essa relação. É possível imaginar pontos de intersecção entre os dois sistemas, todavia, seus pontos de confronto parecem ser mais diacríticos do que conciliatórios.

²³ Esse recurso é recorrente no material de divulgação coletado no site de uma organização atéia atual, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). Na seção Argumentos: “Muitas pessoas percebem que nosso cérebro é responsável pelo que somos: nossa personalidade, nosso humor, nossas memórias, nossos julgamentos morais, nossas inibições, nossos pensamentos e decisões. Uma pancada na cabeça pode acabar com sua memória. Um copo de álcool pode eliminar suas memórias e suas inibições, e alterar radicalmente seu senso moral. Antidepressivos alteram nosso humor. Doenças neurológicas afetam nossa personalidade e a maneira de nos relacionarmos com os outros. No entanto, essas pessoas não se dão conta de que esses fatos são incompatíveis com a ideia de uma alma imaterial ou transcendente que seria

Nesta atividade descrita por Gilbert, trabalhar a figura de Deus é um artifício essencial. O novo ateu busca despojar Deus de seus atributos sobrenaturais através de sua “personalização”. O processo que o autor descreve é semelhante à alusão que Auerbach faz com relação à representação naturalista do divino realizado por artistas renascentistas italianos (AUERBACH, 1972: 151): os novos ateus, em conversas com teístas, referem-se a Ele como portador de qualidades humanas, para assim quebrar a ideia de Sua “omnisciência”. Segundo o autor, essa concepção mais física de Deus efetivamente passou ao conjunto de ideias teístas sem estes o perceberem.

Gilbert afirma que esse procedimento específico, para além de inserir uma ideia contraditória ao corpus secularizado, possui uma consequência prática bem útil: ao tornar Deus humano, o humano pode se tornar Deus. E, se o humano se torna Deus, pode ser cultivado da mesma maneira. E cultivar ao homem (no sentido de humanidade), e não a Deus, passa a ser algo natural. Por essa razão, “o novo ateísmo é como um cancer crescente, misterioso e perturbador” (/B/: 6). Pois, através desses artifícios, ele se incorpora à estrutura de valores (TAMAYO, SCHWARTZ, 1993: 234) teísta.

Carneiro prossegue com o seu raciocínio:

Mas digam o que disseram os espíritos teológicos quaisquer. E queiram mascarar o ateísmo com as cores negras do seu receio, os deuses não são mais necessários para que o homem se conduza bem na sociedade, e o ateísmo marcha vitoriosamente como uma necessidade de evolução, como um ponto crítico a ser atravessado pelo progresso para uma época de religião nova e definitiva, sem deuses onipotentes[...] (/B/: 6)

Outro argumento utilizado pelo autor para descaracterizar a possibilidade de existência racional da onipotência é o clássico argumento ateu de que há tantas desgraças no mundo que a existência de um Deus se mostraria improvável, visto que não se encerraria nestes acontecimentos uma pretensão volitiva²⁴. “E basta que olhemos para

a fonte de nossa consciência. A alma não pode ser responsável pela memória, pois álcool, sedativos e pancadas na cabeça não poderiam atingir a alma. Pelo mesmo motivo, a alma não pode ser responsável por nosso humor, personalidade, consciência ou julgamentos morais. De fato, se houvesse qualquer influência externa de uma alma comandando o cérebro humano e seus processos, as faculdades de medicina precisariam ensinar teologia dentro dos cursos de neurologia. Mas não é o caso.”

²⁴ O primeiro intelectual a utilizar este argumento foi Epicuro (341-27). Nos dizeres do próprio filósofo:

“Deus deseja prevenir o mal, mas não é capaz? Então não é onipotente.

É capaz, mas não deseja? Então é malevolente.

É capaz e deseja? Então por que o mal existe?

Não é capaz e nem deseja? Então por que lhe chamamos Deus?”

todos os males que afligem os homens para nos inclinarmos, mesmo por um argumento empirico, a crer que nenhum deus voluntariozo ezista.” (/B/: 7).

Por fim, o autor faz uma apreciação das consequências sociais da crença neste Deus ultrapassado. Pois, para o autor, ela geraria a seguinte estratificação social²⁵:

Mas essa sociedade está dividida em cinco grupos humanos de extensões diversas assim constituídos

- 1°. Dos que duvidam e temem;
- 2°. Dos que duvidam, não temem, mas continuam fingindo aceitar por convivência ou hipocrisia;
- 3°. Dos que descreem;
- 4°. Dos que ainda creem;
- 5°. Dos que sabem, por conhecerem a ciência e por conhecerem a evolução, que não existe deus voluntariozo governando o universo, mas sabem ser tudo regido por leis naturais imodificáveis [exclui-se, assim, a possibilidade de milagres] (/B/: 7)

Carneiro vai descrever cada uma dessas classes, de modo a caracterizar algumas negativamente (estúpidas ou hipócritas) ou positivamente (grandes mentes). Interessamos, todavia, a descrição que realiza sobre o quinto grupo:

Emfim ha o grupo dos que se preocupam profundamente com a sorte da sociedade humana, dos que raciocinaram a ciência, e procurando substituir um deus absoluto impossível por um deus relativo, real, demonstrável, simpático, fraternal, foram levados a aceitar a humanidade como Deusa, segundo a construção de Augusto Comte (/B/: 8).

Assim, se Deus é um ente vingativo, inspirador de temor e dúvida, a Deusa, em contrapartida, possuirá todas essas características em seu contrário. Essa Deusa é a Humanidade. Deusa que será temida pelas outras religiões, em especial a católica:

Em resumo, o clero católico do nosso país não vê no positivismo, nem um digno emulo, nem uma simples corrente, como no protestantismo. Ele nos encara como um ritual usurpador, crescendo em força e influência junto aos elementos destinados a predominar num futuro mais ou menos próximo. E em relação ao qual não nutre sinão sentimentos correspondentes de ódio e de inveja (/M/: 5)

²⁵ Assumindo que nosso autor é um comunista, a adoção de um critério de estratificação social (utilizada por Weber) para segmentar a sociedade confrontaria-se frontalmente com a ideia marxista de materialismo dialético, que preconizaria que o capitalismo reduziria a luta de classes a dois componentes: o proletariado contra a burguesia, e essa seria a única segmentação social possível. E essa seria a segmentação possível, pois o resto decorreria da estrutura, e a religião seria uma super-estrutura.

7.3 – Humanidade

A Humanidade é representada de uma maneira bastante peculiar. Ela é, ao mesmo tempo, devedora às leis da natureza²⁶, e ao mesmo tempo é o conjunto de indivíduos, que já foram vivos, estão vivos e estão para o ser.

O deus absoluto como dogma fundamental, é substituído pelo conjunto de leis naturais conhecidas constituindo o destino, e das leis naturais desconhecidas constituindo o Acazo. [e segue] O deus absoluto como elemento de temor, é substituído pelo conjunto de antepassados humanos que admiramos, dos mortos que trabalharam pelos vivos, dos vivos que vivem com preocupações altruístas, isto é, sociais, e ds que hão de viver pelos quais nos esforçamos e agimos, em todos os instantes da nossa vida objetiva (/B/: 8)

Essa definição mais insipiente (pois ele só afirma que a humanidade é uma entidade que se estende pelo tempo) é compensada em outro documento:

[...] Este ser supremo, no positivismo é a humanidade, definida como o conjunto contínuo dos seres convergentes, passados, futuros e presentes. Não deve ser confundida com a espécie humana. (/F/: 1)

Apesar de a humanidade não ser considerada como é enquanto espécie (que é uma classificação naturalista), o que se propõe é que mesmo assim ela segue as leis da natureza em outro sentido. Porque, se Durkheim considerava o ambiente social como *sui generis*, detentor de sua própria dinâmica em relação aos fenômenos naturais, Comte acreditava que o homem só se realizava enquanto ser no momento em que entrava em comunhão com a natureza que só ocorreria quando se passava pelos três estados. Por isso a Humanidade, para ele, seria uma das leis naturais. Por conta disso a Humanidade responderia a essa lei natural e, sem essa submissão, a Humanidade não corresponderia ao critério de positividade, resultando de sua invalidação como instância digna de culto por parte dos indivíduos. Por esta razão, o positivismo acaba por excluir de seus pressupostos a operação do milagre, por exemplo, que é à base da coesão proposta pelas

²⁶ É interessante notar que, se esses redatores positivistas ainda estivessem vivos hoje em dia, perceberiam que foram ultrapassados (ou sofreram uma ruptura, na interpretação de Thomas Kuhn) na sua seminal busca por Leis. Pois, segundo Nosbert Wiener, a ciência em um primeiro momento tomou para si o paradigma aristotélico-tomista de catalogar as coisas; depois, adotou o paradigma newtoniano, de buscar as leis dos fenômenos (nesta etapa estariam inseridos os positivistas); Maxwell, Boltzmann e Gibbs foram alguns cientistas que colaboraram para tornar a ciência algo mais estatístico, probabilístico (WIENER, 1954: 10)

religiões metafísicas e teológicas, e afirma que o conceito de Humanidade que propõem corresponde às Leis Naturais.

[...] Deixamos subentendidos que além da famosa questão do duplo movimento da terra – causa do rumoroso e infeliz processo de Galileu e que marcou indelevelmente a inconciliação ou incompatibilidade entre a ciência e a religião (teológica) – há outras muitas incompatibilidades do mesmo gênero; o que, aliás, torna a proposição suscetível de generalização, isto é, os dogmas, seja da filosofia, seja das religiões teológicas, são incompatíveis com os dogmas científicos (bastando lembrar em abono do aseto que as verdades científicas são, indubitavelmente, passíveis de ser *provadas e demonstradas*. O que, na imensa maioria dos casos, não ocorre com as verdades teológicas. E uma das matérias dessa ultra controvertida questão é o milagre [...] (/E/: 117)

É de se perceber no trecho em questão que os autores negam a possibilidade de conciliação entre a ciência – positiva por natureza – com a religião teológica, justamente porque a essa última faltava-lhe o critério de positividade, ou seja, ser capaz de ser provada e demonstrada, característica que dividiria com a filosofia em igual proporção. Isso ocorreria porque justamente essas religiões se apoiaram na Revelação, que ocorreria a partir da presentificação de um milagre, que, por definição, seria a quebra das leis naturais pela intencionalidade de algo acima das próprias leis naturais. Trata-se de estabelecer uma base sólida para a crença religiosa, o que o autor propõe em seguida:

Não se falando aqui na sua acepção do mero maravilhoso, o milagre, no conceito bíblico era a realização de um acontecimento ou de um fenômeno com a suspensão excepcional da(s) leis(s) que o(s) rege (m). O que se realizaria mediante a intervenção divina, sobrenatural. O que é uma das tolices da credence. Hoje a realidade é outra: descobrir e estudar as leis que regem os fenômenos naturais (cosmológicos e humanos) e, conhecendo-se as leis, ou verificados seus efeitos, tirar conclusões, prever os acontecimentos e prover-se dos resultados é o objetivo fundamental e permanente da ciência (/E/: 117)

A partir do momento em que se abole a possibilidade de existir milagres, estabelece-se as condições necessárias para que se execute a tarefa científica, que é estudar as leis – imutáveis pelos milagres – e prever os acontecimentos através da indução. Este critério é aplicado integralmente para a concepção da humanidade, que, por isso, não é um ente metafísico, mas sim um ente que remete à própria solidariedade humana.

Tão forte é esta ideia da invariabilidade das leis naturais que

As leis políticas, as leis que os homens fazem, não são tal immoveis: ao contrario, participam da mobilidade das opiniões de que resultam. Immutaveis são unicamente as leis naturais. Só estas estão superiores a toda vontade humana no que tem de essencial. Esta distinção entre a diferente natureza das leis exprimiu-a Montesquieu sem phrases, com admirável simplicidade: “os seres particulares intelligentes podem ter leis que hajam feito, mas tem também as que não fizeram”. (/R/: 5)

A humanidade, tão variável em suas crenças e costumes, só pode ser unida a partir daquilo que é comum a todos, que é justamente esse fato que é de pertencer a Humanidade (/C/: 7). Dessa maneira:

As relações fraternas, circunscritas inicialmente ao lar e à cidade, estendem-se ao planeta inteiro: abrangem o passado, o futuro e o presente; congregam todos os seres, tudo que concorreu, concorre e há de concorrer para aperfeiçoar a ordem universal (/C/: 9)

Ideia que é recorrente em outro trecho de outro documento: “A existência social não é o resultado de convenções; é a consequência fatal da nossa organização cerebral e do meio cósmico em que vivemos” (/N/: 4).

São essas relações fraternas, as que evidentemente devem existir por conta de obviamente sermos todos homens, estendem-se para além do espaço reduzido das pequenas comunidades produzidas pelas religiões metafísicas e teológicas, estas que direcionaram os laços afetivos para as divindades e os fetiches em si, e não para os homens. Assim se constituiria a deusa Humanidade.

Humanidade que bastaria por si só, de modo que os positivistas também se mostram contrários à oração que serve para solicitar dádivas (/E/: 117), mas não contrários a utilizá-la para aumentar a coesão dentro do grupo positivista, pois essa oração se dirigiria à Deusa Humanidade.

Por último, cumpre notar que a ideia de indivíduo vincula-se totalmente com a ideia de humanidade, e é a ela que iremos nos remeter como um fechamento das ideias expostas brevemente neste trabalho. Concluiremos com a noção da impossibilidade de assumirmos que a ideia de indivíduo que é nutrida pelos positivistas é totalmente coincidente com a ideia ocidental de indivíduo, ou que é a sua mera maximização através do estado positivista.

E não obstante, os homens em sua totalidade, sem mesmo exceptuar os legisladores, são necessariamente fetichistas nos primeiros annos da existencia, por isso que no individuo se repete a evolução theorica da humanidade. E ainda

depois de adultos, e já muito lidos em coisas de jurisprudência e em outras, o fetichismo, ou feiticismo, se quiserem, anda a denunciar-nos em todos os accidentes da vida. Revelamol-o na ignorancia que nos leva a formular hypotheses para explicar phenomenos, cujas leis desconhecemos, nas acções e gestos, a que a paixão nos obriga, fazendo-nos retrogradar á infancia do individuo, ou á infancia da razão humana, o que no caso é a mesma coisa;

A concepção de indivíduo dos positivistas não é nem um pouco fragmentária, como fazia supor o Iluminismo e o Renascentismo. Ela é uma visão holística, ligada ao todo, dependente e ao mesmo tempo formador deste. Os positivista não estão aqui propondo uma falácia da composição²⁷, onde o indivíduo deva representar toda a humanidade, mas sim deve-se tomar o enunciado como o indivíduo sendo a própria humanidade ao mesmo tempo que a humanidade é o indivíduo. O indivíduo é a humanidade quando, desde a infância até a idade adulta, desenvolve-se a partir da Lei dos três estados. Ele é a humanidade quando se dá conta de que tudo o que vive foi uma construção que perpassa as pessoas que vieram antes dele; ele é a humanidade quando se esforça para legar um mundo melhor aos que virão. A noção de Humanidade ultrapassa barreiras temporais e físicas, tem a ver com uma doação irrestrita, com uma incorporação total do (qualquer) outro através da fraternidade, com uma entrega total a esse projeto. Algo que o catolicismo, o liberalismo e o comunismo não permitiriam por encobrirem essa pertença através de, respectivamente, a fé em Deus, a competição e o materialismo excessivo. O positivismo também exige, endemicamente, a superação de obstáculos colocados também a nível temporal (ao ter de lidar com os outros estados) e político:

Pouco importa. Si o pozitivismo é a religião scientifica ha de triunfar apesar de todos os obstáculos: maiores erguerão os politeistas decadentes contra o catolicismo e ele venceu porque era oportuno: maiores opões este a Galileu e a sciencia triumphou porque era chegado o seu dia

É no conhecimento da História e na unica preocupação de trabalhar por um futuro do qual nenhum de nós há de gozar, que está o segredo do nosso fanatismo (I/: 56)

Superar esses obstáculos faz parte de um ritual de iniciação. Até o conhecimento total da doutrina, o postulante encontra-se em uma situação de liminaridade²⁸, pois não

²⁷ Argumento erroneamente assentado na extensão das qualidades de uma das partes de um todo a esse próprio todo.

²⁸ Victor Turner é quem evidencia os conceitos de comunitas, liminaridade e estrutura. Nesta nota intentaremos fornecer uma explicação rápida destes termos para que a leitura possa ser realizada por leitores que não conhecem os conceitos. Em uma comunidade tribal, há o chefe, que está em um estado diferenciado do restante dos seus comandados (que pertencem à Estrutura, ou seja, à comunidade em si, excluindo-se o chefe). Este chefe, para adquirir essa função, precisou passar por um processo que o

está mais na estrutura – já que abandonou a crença em abstrações – mas também não está totalmente inserido no positivismo comteano, algo que exige um esforço mental enorme.

É interessante analisar como ocorre essa passagem. Dois textos dão conta de mostrar este processo, /S/ e /H/, quando se mostra passagens de pessoas da religião metafísica para a religião positiva. Em /S/, o próprio Comte é a pessoa que realiza esse trânsito religioso²⁹:

Desde o ano de 1825, os meus escriptos testemunham um respeito crescente pelo catholicismo, precursos immediato e necessário da religião que deve, sobretudo consolidar e desenvolver a construcção esboçada no decimo-segundo seculo. À medida que eu elaborava a dogmatização positiva, ia me tornando mais incapaz de voltar às crenças sobrenaturaes; porém tambem ia venerando mais uma theologia por muito tempo organica, e ia desprezando mais profundamente uma metaphysica sempre dissolvente (/S/: 6)

A Comte agrada ao catolicismo esse trabalho “intermediário” entre a religião metafísica e a positivista. Todavia, o fato de dividir os homens (dissolvê-los) mostra-se ainda como um fator que deve ser positivamente superado em prol de uma religião mais unificadora. Não é sem razão que Comte reafirma: “Nós não diferimos dos catholicos senão em que a nossa unidade se refere à humanidade ao passo que a delles liga-se a Deus” (/S/: 6).

Outro interessante estudo de caso é o que ocorre em /H/. O encarte mostra a conversão de Teixeira Mendes (um dos líderes do positivismo no Rio de Janeiro) a partir do momento em que tomou contato com Miguel Lemos (outro dos grandes líderes do positivismo no Brasil). Teixeira Mendes conta que era um católico e um cristão dedicado. Todavia, ao começar a conviver com Lemos, sua conversão intelectual iniciou-se com espantosa rapidez. De sorte que afirma o autor que a sua conversão teria sido facilitada se houvesse a circulação de material propagandístico de mesma monta do que estamos aqui analisando:

conduziu à condição de comunittas, quando ele deixa de lado os seus interesses pessoais e passa a pensar exclusivamente por e para a tribo (ou seja, ele deixa de ser um indivíduo e passa a ser exclusivamente o representante da tribo, levando em conta sempre os seus interesses). Para chegar a esse estado, o chefe deixa de pertencer à estrutura – pois vai pairar acima desta – mas, até passar pelo ritual, ainda não vai pertencer ao comunittas. Enquanto não passar pelo ritual de passagem, o indivíduo nada será. Enquanto nada for, estará no limite, no limiar, daí decorrendo o seu atributo de liminaridade. O indivíduo liminar não é absolutamente nada, torna-se uma tabula rasa para que o conhecimento da sociedade nele se inscreva. Conf. TURNER, Victor. O Processo ritual. Petrópolis: Vozes, 1974

²⁹ Conceito muito utilizado nos estudos de Antropologia da Religião, que dá conta da circulação de fiéis e de ideias entre as diferentes religiões (RUMNSTAIN, TEIXEIRA, 2009: 31)

Encaminhando, em fins de 1874, para o positivismo, procurei, como disse acima colaborar, desde então com Miguel lemos, na diffusão dos ensinios de Augusto Comte. Infelizmente, não havia, nesse tempo, no Brazil, nenhuma *propaganda systemática* [grifos nossos] vulgarizando a obra integral de Augusto Comte. Essa incomprável desgraça social deixava entregues aos defeitos pessoas a ás aberrações revolucionarias os que se desprendiam das crenças catholicas. Cahi, portanto, ingratamente e levianamente, nos sophismas e calumnias de Littré e Stuart Mill (/H/: 40)

Faria parte dessa conversão, concluimos, essa interpelação intelectual oportunizada pela propaganda circulante, dado que, sem ela, decorreria-se uma desgraça social, na expressão do autor, que seria o arrebatamento dos egressos do catolicismo desviarem-se para doutrinas mais atrasadas. Sugerimos, então, que há uma passagem por um estado de liminaridade e que a comunhão do indivíduo passa a ser a humanidade.

Uma vez superado esse estado de liminaridade, o sujeito finalmente torna-se um indivíduo. E, tornando-se um indivíduo positivista, as noções internas de mundo e de homem do sujeito mudam radicalmente.

A concepção geral do homem, como a de qualquer ser vivo, exige que se considerem o seu organismo e o meio sob cuja influencia esse organismo surge, se desenvolve e termina. (/I/: 20)

Todavia, essa concepção já começa a ser diferenciada quando se encara a questão do ponto de vista positivo. Pois que:

Para compreender o organismo humano convem manter, positivando-a, a antiga distinção entre o *corpo* e a *alma* [provavelmente a distinção clássica-medieval que é dualista]. O primeiro compõe-se de três partes: uma vegetativa, - as víceras, - duas outras animais, ativa e passiva, - os musculos (incluzive os ossos) e os sentidos. A alma corresponde ao cérebro, conforme a demonstração categórica de Gall, cuja memoria o academicismo procura em vão denegrir (/I/: 20)

É o cérebro o reduto da alma, algo que diz muito sobre a materialidade pregada pelo autor. A ligação entre o corpo e o cérebro é explicada pela ciência:

Entre o corpo e a alma existem relações mais ou menos percebidas desde a teocracia, mas que só Cabanis [nome de um autor] dignamente esboçou na última fase da idade revolucionaria. O corpo atua sobre o cerebro por intermedio do sistema vascular e do sistema nervoso sensitivo; o cerebro reage sobre o corpo pelos nervos motores e nutritivos. Estas ações e reações são regidas pela grande lei que preside a todos os fenomenos mutuos e recorda os nomes de Huyghens e Newton (/I/: 20).

Não sobra, pois, espaço para nada que não seja a ciência na explicação dessa internalidade, considerada biológica, e não sacralizável.

Eis, em poucas palavras, a concepção sintética do nosso organismo, tal qual resulta da elaboração científica. A complexidade e as relações recíprocas de seus elementos conduzirão à velha fórmula *consensus* – tudo é solidário, tudo concorre, tudo conspira, - e mostrarão a dificuldade do problema humano. Assim, esse exame basta para evidenciar a irracionalidade de se procurar a saúde do corpo abstraído da saúde da alma, isto é, o absurdo de separar-se a medicina da moral; e põe a nu, de um modo irrefutável, a inqualificável monstruosidade que constitui o especialismo médico, cuja pretensão é conhecer e tratar como isolados fenômenos que, por sua natureza, repugnam a qualquer fracionamento.

Esta indissociabilidade do nosso organismo, é uma das bases da instituição da função sacerdotal no positivismo, o qual prescreve que o padre seja médico e vice-versa (/I/: 21)

A unidade do sujeito como organismo está vinculada diretamente à sua unidade moral, enquanto humanidade. Não há diferença: novamente tudo se torna um só. Pois a ciência, a moral e o biológico vieram todas do mesmo lugar e são todas a mesma coisa. Por essa razão, há “uma conexão entre o problema mental e o religioso” (/I/: 20).

8 – Categorização e Análise dos Resultados

Após a eliminação das semelhanças semânticas, o resultado final da categorização foi essa distribuição nessas 3 categorias (ou temas). Essa análise permitirá conhecer a ideia global de cada uma das categorias, o que permitirá perceber a noção que se estava intencionando compartilhar com os leitores.

A / *Religião*

- | | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 1. Termo ambíguo | d. Evidência da teoria dos 3 estados |
| 2. Estado mental | e. Desatualização |
| 3. Fetichista, Teológica ou Positiva | f. Dá margem ao ateísmo |
| 4. Fetichista, | g. Conservadora |
| a. Redirecionável, reformável | h. Espontânea |
| b. Superstição | i. Atua num âmbito reduzido |
| c. Culto | |

- j. Subjetivista/espiritual
ista
- k. Ficcionalis
- l. Infância humana
- m. Infância da razão
- n. Dominada pela
paixão
- o. Dá uma Coesão não-
humana,
particularista
- p. Abstrata
- q. Dissolve aos homens
- r. Injusta
- s. Recurso ao ódio ao
outro
- t. Recurso ao milagre
- u. Não verificável
- v. Irracional
- w. Atribuir a seres
inanimados afetos
humanos

5. Teológica

- a. Redirecionável
- b. Culto
- c. Desatualização
- d. Dá margem ao
ateísmo
- e. Conservadora
- f. Espontânea
- g. Atua num âmbito
reduzido
- h. Subjetivista/espiritual
ista
- i. Ficcionalis

- j. Infância humana
- k. Infância da razão
- l. Dominada pela
paixão
- m. Superstição
- n. Coesão não humana,
particularista
- o. Abstrata
- p. Injusta
- q. Recurso ao ódio ao
outro
- r. Recurso ao milagre
- s. Não verificável
- t. Parcialmente racional
- u. Universalista no
tocante à submissão
dos homens
igualmente;
- v. Personalista
- w. Revolucionária
- x. Revelada
- y. Intermediária de dois
estados

6. Positiva

- a. Humanidade
- b. Revolucionária
- c. Harmonia
- d. Religar: interior pelo
amor, exterior pela fé
- e. Laço de solidariedade
- f. Humanismo-religioso
- g. Secularizada
- h. Atualizada para o
século XX

- i. Regula cada natureza individual
- j. Subordina progresso à ordem
- k. Subordina a análise à síntese
- l. Subordina o egoísmo ao altruísmo
- m. Atua num âmbito amplo
- n. Materialista e espiritualista concomitantemente
- o. Deixa perceber a relatividade das coisas humanas
- p. Fraternidade
- q. Racional
- r. Insuperável
- s. Justa
- t. Concreta
- u. Altruísmo
- v. Científica
- w. Segue as leis naturais

B / Deus/Deusa

- 1. Atemorizante
- 2. Duvidável
- 3. Superável
- 4. Ilusório
- 5. Ultrapassado
- 6. Serve ao projeto de futuro
- 7. Processo

- 8. Personalizável
- 9. Fisicalizável
- 10. Desnecessário
- 11. Não onisciente
- 12. Inexistível por conta das maldades que ocorrem no mundo
- 13. Indemonstrável
- 14. Violento
- 15. Autoritário

C / Humanidade

- 1. Deusa
- 2. Total
- 3. Irrestrita
- 4. Justa
- 5. Coesão total
- 6. Indivíduo
- 7. Una no Tempo
- 8. Una no espaço
- 9. Tal como um organismo
- 10. Obedece as leis da natureza
- 11. Conjunto de indivíduos do passado, presente e futuro
- 12. Ambiente social
- 13. Altruísmo
- 14. Não é a espécie humana
- 15. Responde ao critério de positividade
- 16. É comum a todos os indivíduos
- 17. Formada e formadora dos indivíduos
- 18. Dá a moral

19. Dá sanidade à mente

A partir da categorização se pode inferir que há, efetivamente, um conflito do positivismo especificamente com o cristianismo, que é a religião teológica, e não tanto com as religiões fetichistas, nem mesmo com as outras religiões monoteístas (o conflito se desenvolver especificamente contra o catolicismo provavelmente decorre de fatores culturais e políticos). Pois é a religião metafísica - já que foi a religião cristã que trouxe a metafísica para dentro de si, por isso estamos ligando os dois conceitos, servindo de apoio à essa tese o fato de Comte ter aderido ao cristianismo também - a religião que mais é dotada de características arroladas, muito embora divida muitas delas com a religião fetichista, o que não deixa de ser também um recurso de combate, pois comparar o cristianismo com outras religiões pode ser enxergado como uma tentativa de realizar uma ofensa aos cristãos, mostrando-lhes a falha na Revelação. Também se busca reforçar a característica diacrônica dessas religiões: elas espraíam uma evolução, que são elas próprias que evidenciam (o que se constitui num argumento circular). A pessoa acaba por se identificar a um desses degraus de evolução, de modo que não encontra motivos para adotar qualquer outra prática que não a positivista, já que as outras religiões tem função propriamente teleológica, e não epistêmica. Daí a noção de desatualização ou de infância ou de irrazão. Uma vez estabelecida a falta de critérios das outras, somente a religião secularizada se mostra possível. A Representação Social, no caso, seria a de religião como um processo, que culminaria com o seu esvaziamento místico, estando as formas “primitivas” datadas e perto do fim. Em nossa opinião, esse ataque direcional reforça a ideia de que o cristianismo é fortemente ligado à cultura brasileira.

Quanto à descrição de Deus, o ataque ao cristianismo é mais forte ainda, pois são utilizados uma série de argumentos ateus para esvaziá-lo de sentido, lembrando muito a análise crítica que os ateístas dirigem ao primeiro testamento, cujo Deus coage seus fiéis ao invés de realizar a coerção pelo amor (na versão dos críticos). São ataques direcionados a um deus personalizado, que também é teleológico. Pode se inferir deste ataque que o coletivismo é a única maneira de cumprir a promessa de felicidade, e que Deus seria só uma abstração dessa felicidade, que estaria ao alcance da concretude. Logo, a crítica positivista à ideia de Deus é decididamente atéia. A Representação Social seria a de um Deus superado e anacrônico, que não conseguiria mais assustar aos homens, pois teria sido por ele criado devido ao seu atraso mental.

Quanto à descrição da humanidade, ela é retratada com adjetivos positivamente subjetivos e objetivos. Ela dá a impressão de ter passado em uma série de testes, que a faz apta a ser uma crença justificável. Não dá a impressão de trabalhar com pressupostos, o que reforça o ceticismo metafísico dos positivistas. Por isso é possível se pensar sobre um critério de positividade. A Humanidade transcende sem transceder, pois ela se mostra soberana em tudo que se segue as Leis Naturais, justificando-se um totalitarismo da doutrina Comteana, pois a humanidade engloba a ciência e a fraternidade, o que exclui o senso comum de conceber o positivismo como cientificista, pois não é ela a única depositária da felicidade dos homens. A Representação Social, no caso, seria o que demonstraria o tom totalitário do Comtiano: a humanidade como ocaso e finalidade de vida do indivíduo, preenchedora de todos os espaços da vida deste (desde o temporal até o espacial, pois sua vida é devotada a ela). E assim, a religião totalmente redirecionada de maneira muito produtiva.

Globalmente, nos parece que os positivistas trabalham com a noção de que há critérios a que qualquer instância de pensamento humano deve responder para poder ser considerado válido universalmente. Se não há essa correspondência, é porque o ato não havia ainda terminado sua evolução, pois, quando da sua levada a cabo, a correspondência se efetivará, pois as leis naturais assim o dizem. A noção de tempo, aqui, é chave, pois é ele que acaba por levar à mudança do sistema. A História, nesse sentido, se faz mais importante do que nunca. A relação com o tempo é bastante positiva, o que retrata um otimismo incondicional do Sistema Comteano, que se reflete em sua propaganda ateísta, que busca não ser confrontativa do ponto de vista físico (causando banhos de sangue) como as religiões místicas fariam, mas sim busca usar o tempo ao seu favor, na evolução das formas de acordo com a mudança de estado mental.

9 - Considerações Finais

A conclusão geral a que chegamos, a partir da análise de conteúdo, é a de que esse movimento social agiu na esfera pública através da circulação deste material, e que essa foi uma ação significativa; a lógica da transmissão dessas ideias é a do reforço, apresentando-as em diferentes contextos para ressaltar-lhe o caráter universalista de suas conclusões; E, por último, o material apresentou uma reprodução bastante fiel às ideias de Comte, algo que não ocorre com frequência em movimentos sociais, que muitas vezes criam dissidências (como ocorreu com o movimento por direitos civis negro nos Estados

Unidos, onde havia a oposição entre Malcom X e Marthin Luther King) ou degeneraram as ideias originais (assunto no qual não pretendemos dar exemplos), fidelidade bastante perceptível mesmo com a diferença cronológica e cultural que se estabeleceu entre os materiais; A religião da humanidade, que, ao nosso ver, é sintética de dois universos (o científico e o espiritual) tenta unificar todos os campos da ação humana sob a égide da Humanidade, daí a sua totalitariedade, que interfere na noção de indivíduo. Também podemos perceber que a herança humanista renascentista é relida no sentido de conferir essa nova concepção de indivíduo.

Esperamos, com esse trabalho, ter empreendido um esforço no sentido de delimitar um movimento social ateu e de compreender-lhe os primeiros passos, definindo como movimento social também as imprecisões positivistas divulgadas por um material voltado para o grande público. Também esperamos que essa escrita se mostre interessante aos próprios movimentos ateus como forma de ajudar a construir sua identidade em seu tão importante trabalho de tentar acabar com o preconceito quanto à crença em Deus (ou falta dela, nesse caso). Nos vinculamos teoricamente (de um ponto de vista operatório) nessa empreitada, ao buscar essa identidade ateia (e não a positivista em específico, mas a identidade dos ateus de hoje), à Teoria do Reconhecimento, pensada pelo sociólogo e filósofo alemão Axel Honneth, que pensa que a condição de “elevação” de um indivíduo à categoria de sujeito autônomo e autoconfiante é perpassada por esse indivíduo sentir-se “reconhecido” em suas capacidades por um grupo (conf. Honneth, 2013). No caso, pensamos que muitas pessoas de nossa sociedade não consideram ateus como sujeitos, de modo que é a partir dessa consideração que se deriva o preconceito que estes ateus alegam sofrer, que os tornaria desviantes (conf. BECKER, 2009). Assim, essa pesquisa ajudaria a pensar um grupo no qual esse ateu poderia se sentir reconhecido, ao mesmo tempo em que demonstra à quem pensa essas concepções como patológicas a viabilidade, nos dizeres da ATEA, do pensamento ateu como opção de vida.

Assim, em um primeiro momento, o foco foi em compreender o positivismo como ateu a partir das próprias características nativas do grupo estudado, utilizando-nos de uma revisão teórica, estabelecendo que sua ação social baseou-se a partir de uma lógica de “irradiação catalisada irreversível”. Em um segundo momento, a ênfase foi colocada no modo como se construíram Representações Sociais sobre as categorias Religião, Deus/Deusa e Humanidade, a partir da coleta de dados e da sua posterior análise na amostragem coletada junto ao acervo.

Buscamos delinear o modo como os positivistas aplicaram à religião seu critério de positividade (verificabilidade), esvaziando-a de seu conteúdo místico e transcendental e fixando seu foco em um ente palpável e verificável: a humanidade, que passa a ser uma entidade que remete a uma concretude, e não uma transcendentalidade que poderia justificar um novo retorno à religião teológica. Acreditamos que isso se constitua na essência do ateísmo, muito embora não haja uma negação irrestrita do conceito Deus, mas sim uma ressignificação. Todavia acreditamos que a natureza da ressignificação traga em seu bojo a própria noção ateísta de negação do sobrenatural. Assim, acreditamos que compreendemos a concepção que foi difundida sobre esse assunto não como justificativa de uma dominação, mas como motor para a busca de uma unidade da própria humanidade.

Acreditamos que o positivismo ainda é muito mal visto pela sociedade, sobretudo após a perda da confiança irrestrita na razão e na ciência (ALMOND, VERBA, 1963: 171) experimentada pelo ocidente no período da pós-modernidade (muito por conta do holocausto e das bombas atômicas, sem contar o forte discurso ecológico dos dias atuais), tanto por parte da comunidade científica, como também por parte do senso comum. Alguns colegas, respeitosamente, mostraram bastante céticos com a possibilidade de trabalhar os positivistas sob uma ótica mais “intimista”, buscando sua alteridade, afirmando-me que seria impossível relativizar aos positivistas. Acreditamos que esse ranço geral nasce justamente de se pensar os positivistas como etnocêntricos e elitistas, o que, em nossa opinião, não ocorreu em sua totalidade. Os positivistas não seriam um grupo ávido por tomar o poder, muito menos pensariam que só a eles, por conta de um mérito ou naturalidade, tocaria guiar a humanidade. No nosso entender, o processo que os positivistas propunham era mais amplo, e buscava transformar a sociedade humana como um todo, mudando as relações sociais endêmicamente, não apenas as modificando conjunturalmente para promover uma “dança das cadeiras” entre os dominantes do poder de coerção política-econômica. Assim, esse trecho nos parece particularmente ilustrativo dessa concepção política do movimento positivista:

[citando Comte] “... não anhelei de modo algum nem mesmo aprovei os abalos de 1830 e 1848 embora haja me esforçado por utilizá-los após a sua consumação; conduzindo-se assim os positivistas deverão sempre prever as tempestades, e se esforçarem primeiro por preveni-las; depois por abrandá-las, enfim por utilizá-las; porém considerando-se como livremente associados aos governos ocidentais sem jamais secundarem oposição alguma, cujo respeito involuntário obterão, além do que partido algum os julgará seus concorrentes ao poder. (J/: XVI)

Este segmento daria a entender que os positivistas aliar-se-iam às elites. Entendemos que este trecho serve para manifestar justamente o tom pacifista de suas ideias (pois elas se propagariam naturalmente), que este movimento era mais inspirado em *esperar pelo* do que *tomar o poder*. E nessa atitude se vinculam suas propagandas, e nessas propagandas se vinculam suas ideias.

Por último, cremos que, apesar de totalitária, a mensagem de Comte pode ser interessante de ser ouvida nos dias atuais, onde o individualismo efetivamente, em nossa opinião, desumaniza as pessoas. Alguém que devota sua vida para viver para o outrem parece ser uma utopia aos nossos ouvidos pós-modernos, um altruísmo impossível para um hiper-individualismo, à expressão de Gilles Lipowetski. Todavia, é importante ressaltar ser fundamental respeitar as diferenças, pois são as diferenças culturais e individuais que tornam a espécie humana tão interessante de ser apreciada, tanto no sentido científico, quanto no filosófico, quanto afetivamente. Por esta razão, recuperamos um trecho de “A República”, na qual Sócrates, mesmo sem dizer exatamente nesse sentido (pois a verdade integral para Sócrates não seria acessível aos mortais, mesmo que com a maiêutica), afirma, ao ser perguntado sobre o que é a felicidade: “somente tu podes saber o que é a felicidade para ti. Não há uma resposta universal”.

10 - Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMOND, Gabriel A., VERBA, Sidney. La Cultura Política. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/cpuno/asoc/profesores/lecturas/almondverba.pdf>

AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. São Paulo: Cultrix, 1972.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica. Disponível em: <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>. Acesso em agos 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

REIS. História da filosofia. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BECKER, Howard Saul. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BÔAS, Lúcia Pintor Santiso Villas. Uma abordagem da historicidade das representações sociais. Cad. Pesqui. vol.40 no.140 São Paulo May/Aug. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742010000200005&script=sci_arttext

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense/Edusp, 1986. pp.97-108

CONESA, Francisco. El nuevo ateísmo: exposición y análisis. Scripta theologica, vol. 43, n. 1, pp. 547-592, set. 2011

CORTINA ORTS, Adela. Ética. São Paulo: Loyola, 2005.

CRAWFORD, Robert. O que é Religião? Petrópolis: Vozes, 2005.

CRUZ, R. J. B. Oito teses sobre o processo de secularização da cultura ocidental: indicações de momentos e teóricos chave. Revista Espaço Acadêmico (UEM), v. 10, n.1, pp. 141-148, dez. 2010.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro : Rocco, 1997

_____Relativizando: uma introducao a antropologia social. 6. ed. Rio de Janeiro : Rocco, 2000.

DESCARTES, René. Meditações metafísicas: acerca de la filosofía primera, en las cuales se demuestran la existencia de Dios y la distinción real del alma y del cuerpo del hombre. Buenos Aires : Prometeo, 2009.

DURKHIEM, Émile. As regras do método sociológico. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FONSECA, Tana Mara Galli. Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HEBERLE, Rudolf. Social movements: an introduction to political sociology. New York : Appleton-Century-Crofts, c1951.

HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

HONNETH, Axel. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. In: Sociologias vol.15 no.33 Porto Alegre maio/ago. 2013. Pp. 56-80

IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. Movimentos sociais na América Latina: desafios teóricos em tempos de globalização. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

KOLAKOWSKI, Leszek. La filosofía positivista: ciencia y filosofía. 3. ed. Madrid : Catedra, 1988.

KONRAD, Diorge Alceno. Ampliando a concepção, a pesquisa e o ensino sobre a história dos movimentos sociais e políticos no Brasil. In: IOKOI, Zilda Márcia Grícoli. Movimentos sociais na América Latina: desafios teóricos em tempos de globalização. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais. Investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NETO, João Leite Ferreira. A experiência da pesquisa e da orientação: uma análise genealógica. In: Fractal: Revista de Psicologia, v. 20, n.2, pp. 533-546, Jul/Dez 2008.

ORO, Ari Pedro. Religião, laicidade e cidadania. In: A latinidade da América Latina: enfoques socio-antropológicos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild / Hucitec, 2008. p. 211-239

PICKERING, Mary. Augusto Comte e a esfera pública de Habermas. In: TRINDADE, Hélió (org). O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, : Unesco, 2007.

PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. TRINDADE, Hélió (org). O positivismo: teoria e prática : sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 3. ed. Porto Alegre : Ed. da Universidade/UFRGS, Unesco, 2007.

PIERUCCI, Antonio Flávio. É fácil ser católico. In: TEIXEIRA, FAUSTINO. Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

REIS. Filosofia hermenêutica. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.

RIBEIRO JUNIOR, Joao. O que é positivismo. Sao Paulo: Brasiliense, 2009.

ROSA RIBEIRO, Maria Thereza. Positivismo: conservadorismo e progressismo. In: GRAEBIN, Cleusa Maria. Revisitando o positivismo. Canoas: La Salle, 1998.

ROCHA, Alessandro. Introdução à filosofia da religião: um olhar da fé cristã sobre a relação entre a filosofia e a religião na história do pensamento ocidental. São Paulo: Vida, 2010.

RUMNSTAIN, Ariana, ALMEIDA, Ronaldo. Os católicos no trânsito religioso. In: TEIXEIRA, FAUSTINO. Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SAHLINS Marshall. Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SEEGER, Anthony, Roberto DA MATTA & Eduardo VIVEIROS DE CASTRO. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. In: OLIVEIRA, João Pacheco. (org.). Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero/Ufrj. 1987.

SOARES, Mozart Pereira. O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: Age, : Ed. da UFRGS, 1998.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psico-social. Cadernos de Saúde Pública, v. 1, n. 1, pp. 222-243, jan. 1993.

TAMAYO, Álvaro, SCHWARTZ, Shalom. Estrutura Motivacional dos Valores Humanos. Revista Psic.: teoria e pesquisa, Brasília, vol9, nº2, pp329-348,1993.

TAMBARA, Elomar. Positivismo e Educação no Rio Grande do Sul. In: GRAEBIN, Cleusa Maria. Revisitando o positivismo. Canoas: La Salle, 1998.

TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

TRINDADE, Hélió. O jacobinismo castilhistas e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul. In: TRINDADE, Hélió (org). O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Unesco, 2007.

WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.